

ontraponto

JORNAL LABORATÓRIO DO CURSO DE JORNALISMO

Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes - PUC-SP

O POVO CANSOU DE ARDER

Marchas pelo clima, em São Paulo, demonstram a garra e presença indígena na reivindicação de justiça climática

Editorial

O Brasil arde em chamas... mais uma vez

Entram e saem anos e os números nos painéis climáticos continuam oscilando para cima. São milhares de hectares queimados, meros 23% do território do país em aproximadamente 40 anos de levantamentos do MapBiomas. E, nessa imensidão, milhões de vidas são perdidas e afetadas.

Aqui não falamos apenas dos animais mortos ou no mínimo desabrigados, e que consequentemente sucumbirão se sem intervenção humana pela falta de condições mínimas. Também não são os povos indígenas, guardiões da floresta, os únicos com o seu modo de vida ameaçado. Como se todos esses não importassem tal qual os homens de terno e gravata que ainda tomam a maioria das decisões na sociedade.

Falando em quem tem o poder nas mãos, nada como uma legislação robusta, fiscalização e punição para frear as queimadas. Porém, em um país majoritariamente agropecuário, não é a toa que se tem no Congresso Nacional a chamada Bancada Ruralista. Não se engane pelo nome, nela os únicos interesses defendidos são os dos latifundiários e multinacionais do agro.

As queimadas são causadas em grande parte de forma criminosa, para “limpar” o campo e deixar a boiada passar. O que inclusive foi uma espécie de slogan do ministro de meio ambiente, Ricardo Salles, entre 2019 e 2021. E com as porteiras já abertas, não é uma mudança de nome na pasta, Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, adotada desde 2023, que preservará a vida.

Um endurecimento da legislação e mudanças de atitudes do poder público são necessárias para que o fogo pare de arder. Não discursos vazios e “santinhos” decorados com plantas e animais na época em que as cadeiras se mexem.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

Reitora Maria Amália Pie Abib Andery
Vice-Reitora Angela Brambilla Lessa
Pró-Reitor de Pós-Graduação Márcio Alves da Fonseca
Pró-Reitora de Graduação Alexandra Fogli Serpa Geraldini
Pró-Reitora de Planejamento e Avaliação Acadêmicos Márcia Flaire Pedroza
Pró-Reitora de Educação Continuada Altair Cadrobbi Pupo
Pró-Reitora de Cultura e Relações Comunitárias Mônica de Melo
Chefe de Gabinete Mariangela Belfiore Wanderley

FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES (FAFICLA)

Diretor Fabio Cypriano
Diretora Adjunta Priscila Almeida Cunha Arantes
Chefe do Departamento de Comunicação MiSaki Tanaka
Vice-chefe do Departamento de Comunicação Vânia Penafieri de Farias
Coordenador do Curso de Jornalismo Diogo de Hollanda
Vice-coordenador do Curso de Jornalismo Fábio Fernandes

EXPEDIENTE CONTRAPONTO

Editora Responsável Anna Flávia Feldmann
Editora Assistente Giuliana Zanin
Secretário de Redação João Curi
Fotografia Lídia Rodrigues de Castro Alves
Mídias Sociais Ana Pires e Romulo Santana
Assistente de Produção Rafaela Reis Serra

Editorias

Artes e Cultura Amanda Furniel	Política Beatriz Barboza e Khauan Wood
Economia Leonardo de Sá	Ambiental Vítor Nhoatto
Entretenimento Thainara Sabrine	Internacional Pedro Bairon
Esportes Nathalia de Moura	
Moda Gabriela Jacometto	

Revisão Beatriz Loss, Beatriz Vasconcelos, Isabela Gama, Júlia Zuin, Juliana Sousa, Kiara Mateus, Laura Naito, Michelle Batista Gonçalves e Vanessa Orcioli

Checagem de Fatos Annanda Deusdará, Ester Taragona, Fabiana Caminha, Pedro Premero e Nathália Teixeira

Ombudsman Vanessa Oliveira

Comitê Laboratorial Cristiano Burmester, Diogo de Hollanda, Fabio Cypriano, José Arbex Jr. (licença), Maria Angela Di Sessa e Pollyana Ferrari

Fotografia de capa Leticia Falaschi

Projeto e diagramação Alline Bullara

Contraponto é o jornal-laboratório do curso de Jornalismo da PUC-SP.

Rua Monte Alegre 984 – Perdizes

CEP 05014-901 – São Paulo/SP

Fone (11) 3670-8205

Ed. Número 142 – Novembro/Dezembro de 2024

Política

O significado da nova era dos debates eleitorais	4
Como os debates eleitorais se tornaram um espetáculo de ringue	6

Ambiental



© Letícia Falaschi

Insetos em ambiente urbano são indicadores de qualidade do ambiente	7
Brasil avança com obstáculos e lentidão na jornada dos veículos elétricos.....	8
Destruição das matas brasileiras aumenta por influência do agronegócio	10

Ensaio fotográfico

Vozes da Terra: Resistência Indígena em Defesa do Meio Ambiente	12
---	----



© Reprodução: Instagram @futebol.social

Esportes

Das pioneiras às campeãs: a luta por visibilidade e o legado nos Jogos Paralímpicos.....	14
Crescimento de apostas online no Brasil reforça urgência por regulamentação	16
Liga Saudita de futebol tem aumento expressivo em investimentos.....	17
Elitização dos estádios de futebol dissolve o “carnaval das arquibancadas”	18
Da glória à maldição: veja a trajetória de técnicos pós seleção brasileira	20
Homeless World Cup abre novos caminhos para pessoas em situação de vulnerabilidade.....	22

Entretenimento e cultura

Avanços da Inteligência Artificial impactam o meio artístico.....	23
“Come to Brazil”: artistas internacionais movimentam entretenimento brasileiro	24
A Brasilândia luta contra a invisibilidade da arte periférica	26
O etnocentrismo protagoniza a cultura ocidental no Oscar	28
Festival CultCom mostra a importância de popularizar o acesso à cultura	29
“Joker: Folie à Deux” é um contraponto ousado no cinema de heróis	30
“Todos Nós Desconhecidos” retrata a solidão nua e crua na tela de cinema.....	31
Crônica: Toda matéria precisa de um título	32
Crônica: Bons, Belos e Justos.....	34

O significado da nova era dos debates eleitorais

Como uma iniciativa para esclarecer o eleitorado sobre assuntos da cidade e da população tornou-se palco para violência e desinformação

Por Rafael Luz Assis (em memória), Isabelle Maieru, Maria Eduardo Frazato e Vicklin de Moraes

Nas eleições municipais de 2024, o surgimento de novos formatos e dinâmicas de debates, como o primeiro realizado por um canal da internet, além de uma postura agressiva dos participantes, impactam e propõem uma ressignificação da função desse espaço. Tradicionalmente, esses eventos seguem um formato definido, com regras que garantem um ambiente respeitoso. Os debates eleitorais são momentos cruciais na democracia, permitindo que os candidatos apresentem suas propostas e debatam ideias.

Os encontros costumam ser mediados por jornalistas, assegurando a oportunidade de fala para todos os candidatos e buscando garantir uma certa civilidade. Com o tempo limitado para respostas, os políticos devem concentrar-se na qualidade das propostas apresentadas e evitar ataques pessoais. Esse mecanismo visa ajudar os eleitores a compreender os planos de governo e fazer escolhas informadas. Essenciais para a formação da opinião pública, os debates abordam temas como saúde, educação, segurança e economia, permitindo comparações entre as propostas. A habilidade de um candidato em articular suas ideias e responder a críticas pode influenciar a percepção do eleitor.

Em 2014, os debates entre Dilma Rousseff e Aécio Neves revelaram a importância desses eventos como formadores de opinião. Em um período de intensa divisão política, especialmente após a prisão de Luiz Inácio Lula da Silva, as questões abordadas – como economia, corrupção e políticas sociais – refletiram as preocupações reais dos eleitores. Dilma defendeu o legado do governo do PT e enfatizou suas conquistas, como a redução da pobreza, enquanto Aécio criticou a gestão petista e propôs uma mudança de rumo. Como resultado, houve uma grande discussão nas redes sociais e em outros meios. O desempenho de Dilma levou à sua vitória, mesmo em meio às polêmicas envolvendo seu partido.

Em alguns formatos, o público pode fazer perguntas diretamente aos candidatos, gerando uma discussão mais dinâmica e relevante. Contudo, muitos candidatos começaram a adotar táticas de ataque que ofuscam propostas concretas e dificultam a tomada de decisões. Essa tendência ficou evidente nas eleições municipais deste ano, com a provocação de Pablo Marçal (PRTB). No entanto, essa tendência começou muito antes com os encontros entre Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Collor, em 1989.

Em 1989, o debate entre Lula e Collor refletiu a polarização política do Brasil, evidenciando a divisão entre a elite econômica, representada por Collor, e os trabalhadores, representados por Lula. As estratégias de campanha e os discursos de ambos intensificaram essa polarização: Collor atacou Lula com retóricas sobre corrupção e falta de experiência, enquanto Lula criticava o elitismo e defendia a necessidade de justiça social.

O novo protagonista dos debates: a violência



Candidatos no debate da TV Cultura após Datena agredir Marçal

Um dos momentos mais emblemáticos das eleições municipais de 2024 foi a agressão protagonizada por José Luiz Datena (PSDB), candidato a prefeito de São Paulo. Durante um confronto verbal com Marçal, ele arremessou uma cadeira no candidato após ser acusado de assédio. O gesto chamou a atenção para a tensão crescente nos debates políticos.

Outro incidente marcante ocorreu durante o primeiro debate feito na internet pelo Flow Podcast. O assessor de Marçal agrediu o marqueteiro de Ricardo Nunes (MDB), prefeito reeleito. O episódio repercutiu nas redes sociais e reacendeu discussões sobre a imparcialidade da mídia. Nos comentários do chat no YouTube, podiam ser lidos: “Nunca imaginei ver uma parcialidade dessa magnitude no Flow! FOI O PIOR DEBATE QUE JÁ VI!”, “Esse foi um dos mais vergonhosos que já houve. Que manipulação escancarada!”, “Monark teve foi um livramento”, “Eu e meu marido estávamos indecisos; após assistir, ele me disse: você tinha razão, o sistema é sujo, vou votar no...”. Esses são apenas alguns dos inúmeros comentários que atacam a veracidade da imprensa e do sistema político.

Em entrevista ao Contraponto, Lucas Lesprier, mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), afirma: “Quem tem liberdade de expressão é só o dono do jornal.” Lesprier, que também é professor na Anhembi Morumbi, ressalta que o jornalista não está em uma campanha bilionária e que quem dá opinião política é o editorial do jornal, não os prestadores de serviço. Segundo o especialista, essa atitude “é uma discussão enviesada, que tem uma intenção muito clara por trás”. Todos esses ataques à mídia nas redes sociais

revelam-se problemáticos e recheados de desinformação sobre o exercício profissional do comunicador.

A polarização se mostrou forte nesses contextos de violência. Muitos opositores de Marçal exaltaram a cadeia e aproveitaram o momento para tornar o objeto um símbolo de adesivos de campanha. O próprio candidato Datena declarou que não se arrepende de ter praticado violência

publicamente em um debate político. Em nota à imprensa, o apresentador afirmou: “Não defendo o uso da violência para resolver um conflito. Essa é a regra que sempre respeitei nos meus 67 anos de vida. Até o dia de ontem.” Seu depoimento prossegue, defendendo que “torna-se difícil obedecê-la quando os limites da civilidade são rompidos e corrompidos por um oponente. Infelizmente, foi o que aconteceu na noite deste domingo durante debate promovido pela TV Cultura.”

Neste ano, ao redor do mundo e em São Paulo, houve modelos inovadores de debates na tentativa de garantir integridade, civilidade e compromisso com a verdade. Essas mudanças podem garantir que os debates permaneçam relevantes e aumentem o engajamento do público pela política, em vez de pelo espetáculo de farpas.

O uso de verificação de fatos em debates: um exemplo dos EUA

O uso de um sistema de verificação de fatos durante debates, como o que foi implementado na disputa entre Kamala Harris e Donald Trump nas eleições presidenciais dos Estados Unidos, é um



Trump, por exemplo, foi corrigido 3 vezes ao vivo pelos mediadores do debate

conceito inovador que visa melhorar a qualidade das informações apresentadas ao público. Este método permite que alegações feitas pelos candidatos sejam verificadas instantaneamente por especialistas em checagem de fatos, proporcionando contexto e correções necessárias assim que as declarações são feitas.

Durante a campanha e em encontros anteriores, principalmente entre Trump e o presidente Joe Biden, verificou-se um problema relacionado à disseminação de desinformação. No debate da ABC, profissionais de plataformas como PolitiFact e FactCheck.org analisaram as afirmações em tempo real, oferecendo respostas e dados corretos ao público. Isso não apenas aumentou a transparência, mas também promoveu um ambiente mais informativo, permitindo que os eleitores tomassem decisões baseadas em informações mais precisas.

O uso da tecnologia para checagem não apenas desencoraja os candidatos de fazerem afirmações imprecisas, mas também engaja a audiência e fortalece o debate democrático. Contudo, Lespier aponta que a ideia de combater fake news em debates tem dois problemas. O primeiro é a palavra “fake”, que, em temas complexos como divisão política e ideologia, não faz muito sentido, já que não se trata de um debate científico com verdades materiais. Ele também destaca que o termo “news” é problemático, pois muitas das afirmações não são, de fato, notícias.

Flow Podcast: perguntas de cidadãos e especialistas

O debate promovido pelo Flow Podcast nas eleições municipais de São Paulo apresentou um formato diferente, com regras mais rígidas e a participação direta

do público. Esse modelo proporcionou discussões intensas e momentos marcantes, como a expulsão de Pablo Marçal por ameaçar o atual prefeito, mesmo após a interferência do mediador, o jornalista Carlos Tramontina.

Uma das principais inovações foi o protagonismo das perguntas enviadas pelos telespectadores, permitindo uma participação mais ativa da população. De forma sorteada, dois candidatos eram escolhidos: um para responder e o outro para comentar. Um momento controverso ocorreu quando uma mulher questionou Ricardo Nunes sobre planos para ampliar o transporte escolar para alunos da rede pública, além das crianças com espectro autista. Nunes afirmou que a telespectadora confundia a gestão, pois em seu governo isso não ocorria.

Diferente dos formatos tradicionais, em que as perguntas vêm principalmente de jornalistas e outros postulantes

presentes, essa dinâmica possibilitou a discussão de diversas perspectivas e trouxe à tona temas de real interesse da população, aproximando o público do debate.

Debate Uol: o tempo como aliado ou inimigo

O debate do portal UOL, em parceria com a Folha de S. Paulo, apresentou um formato em que cada candidato tinha 20 minutos de fala, além das perguntas feitas pelos jornalistas. Os candidatos precisavam gerenciar seu tempo, para que tivessem espaço até as considerações finais. Essa medida fez com que Ricardo Nunes se tornasse alvo de piadas após ficar sem tempo, levando os demais participantes a questionarem sua capacidade de ser prefeito da maior metrópole do país.

Os candidatos podiam falar sobre o que quisessem e poderiam intervir a qualquer momento, mesmo que a pergunta não fosse direcionada a eles. Durante o debate, o candidato Guilherme Boulos (PSOL) revelou um quadro depressivo que o levou a uma internação no Hospital do Servidor. A internação foi contestada por Pablo Marçal (PRTB), que sugeriu que Boulos havia sido hospitalizado para tratar um vício em cocaína.

De modo geral, o formato favoreceu as provocações e picuinhas. Os candidatos passaram mais tempo atacando uns aos outros do que apresentando propostas. Pablo Marçal interrompeu várias vezes para questionar Ricardo Nunes sobre uma acusação de violência doméstica em 2011, feita pela atual esposa do prefeito.



O debate Uol não determinava os candidatos como deveriam usar seu tempo, isso era de responsabilidade deles mesmo, e se o tempo acabasse, ficaria sem a palavra até o final

Como os debates eleitorais se tornaram um espetáculo de ringue

De uma conversa democrática para um show performático sem limites entre políticos

Por Anna Cândida Xavier, João Pedro Lopes e Julia Naspolini

Ao longo da campanha para prefeito em 2024, os espaços para debates se transformaram em palcos de violência, ataques e acusações infundadas viabilizadas sobretudo pelos cortes nas redes sociais. Não há quem não tenha visto o vídeo de uma cadeira sendo projetada por José Datena (PSDB) contra Pablo Marçal (PRTB) após provocações sucessivas dos participantes durante a transmissão ao vivo pela TV Cultura, no domingo, 15 de setembro. Após esse episódio, os debates seguintes adotaram medidas protetivas como cadeiras perfuradas no chão e copos de plástico.

A banalização da violência verbal e a disseminação de informações falsas transformaram as discussões de propostas em espetáculos midiáticos. Os debates televisivos eram momentos importantes para as campanhas eleitorais mostrarem e confrontarem suas ideias a fim da população se informar. Mas hoje, esse modelo perde espaço.

Em entrevista ao **Contraponto**, Rogério Arantes, professor de Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP), afirmou que “embora ao longo dos anos os candidatos tenham mudado de estilo, a própria estrutura adversarial dos debates estimula a ideia de um ringue, onde eles se colocam em confronto”.

Arantes argumentou que, ao fazer sua escolha, o eleitor também considera os aspectos simbólicos e subjetivos dos candidatos: seus valores, sua conduta e a maneira como reagem aos ataques. “O que se espera desse ambiente é o debate, não uma troca de ideias refletidas sobre questões técnicas”, destaca.

O jornalista e professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), José Arbex, afirmou que a população acredita que o melhor debatedor será o melhor governante. Ele reforça que, por outro lado, não há brilho entre o desempenho no debate e a competência política dos candidatos ou a qualidade de suas propostas. Para “vencer o debate”, alguns candidatos utilizam pautas morais e ideológicas, além de ataques pessoais.

A estratégia de Pablo Marçal, por exemplo, foi desestabilizar seus concorrentes com ataques à honra. Durante os debates, o empresário acusou Guilherme Boulos (PSOL) de ser usuário de drogas, afirmou que Tabata Amaral (PSB) foi a causa para o suicídio do próprio pai e questionou a masculinidade de José Datena.

Segundo Rogério Arantes, a postura de Marçal nos debates é uma extensão

de sua presença online. “Ele traz um estilo de comunicação próprio das redes sociais, onde a agressividade é permitida ou estimulada. O choque é desconcertante, rápido, pouco argumentado e refletido, mas contundente”, reflete.

Um terço dos participantes que compareceram às urnas votaram em Pablo Marçal no primeiro turno. Sua presença nas pesquisas eleitorais e nas redes sociais foi expressiva ao longo da campanha. O candidato do PRTB foi convidado para os debates da mídia tradicional devido ao seu desempenho nos relatórios de intenção de voto. Entretanto, o jornal não retirou o convite quando sua postura inviabilizou repetidamente o andamento dos debates.

José Faro, professor da PUC-SP, afirmou que “o jornalismo não pode ser manipulado por uma personalidade populista que utiliza argumentos histriônicos ou mentiras para se projetar”. A sigla de Marçal não possui cinco parlamentares no Congresso Nacional, o que significa que as emissoras de televisão não eram obrigadas a convidá-lo para os debates.

As medidas adotadas pelas outras emissoras após o episódio da cadeirada e do reforço da segurança para cada candidato não advertiu ninguém. Não houve sanção nem para Datena, nem para Marçal por parte da mídia tradicional. Na disputa por audiência, o espetáculo foi amontoado.

A Influência da Internet na dinâmica eleitoral

Historicamente, a população conhecia os candidatos por meio do horário eleitoral gratuito na televisão e na rádio, além dos clássicos debates. Arantes destacou que as redes sociais entraram de forma desregulada no jogo democrático, e a eleição do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) em 2018 é um exemplo claro do impacto da internet na comunicação eleitoral.

A campanha do ex-presidente foi conduzida, em grande parte, nas redes sociais, pois, na época, seu partido dispunha de pouco tempo de propaganda eleitoral gratuita na televisão. Vale lembrar que a disponibilidade de espaço para os candidatos em meios comunicativos tradicionais é proporcional ao número de políticos de cada legenda no Congresso.

A disputa por relevância e audiência entre a mídia hegemônica e a internet é

© Reprodução/TV Cultura



Candidato a prefeito de São Paulo, José Datena, agredindo com uma cadeira o outro candidato, Pablo Marçal, durante um debate televisionado ao vivo

evidente nas eleições. O tempo de propaganda eleitoral gratuita na TV e no rádio, bem como o acesso aos recursos do Fundo Partidário, são definidos pelo desempenho dos partidos nas eleições para o Congresso Nacional.

Na capital paulista, a coligação de candidatura de Ricardo Nunes, “Caminho Seguro para São Paulo”, obteve 6 minutos e 30 segundos na localização eleitoral gratuita. “Ter mais de 5 minutos na TV, que é uma enormidade, favoreceu bastante a ascensão de sua candidatura – ele era um total desconhecido do eleitorado”, afirmou o professor da USP. A coligação da candidatura de Guilherme Boulos conquistou 2 minutos e 22 segundos, enquanto os partidos de Datena e Tabata Amaral tiveram apenas 35 segundos e 30 segundos, respectivamente.

O empate triplo no primeiro turno ocorreu entre os dois candidatos com mais tempo de propaganda gratuita na televisão e na rádio, Nunes e Boulos, e um candidato que impulsionou sua campanha pela internet, Pablo Marçal.

Nas redes sociais, a transformação dos debates em espetáculos midiáticos ganha outra dimensão. Trechos das participações dos candidatos são transformados em vídeos curtos e memes virais. Os “Cortes do Marçal”, por exemplo, ajudaram a construir uma narrativa favorável ao candidato, muitas vezes sem contexto, mas que atraíram a atenção do público na internet.

Arbex explica que a decadência das performances na televisão é proposital: “interessa para a mídia vender, promover o espetáculo para lucrar e para ocultar as propostas mais progressistas. Interessa a quem investe na privatização de empresas estatais e não quer ver esses temas discutidos”, afirma.

Insetos em ambiente urbano são indicadores de qualidade do ambiente

Especialistas explicam a importância desses pequenos bichos para o equilíbrio do ecossistema e o controle de pragas urbanas

Por Artur Maciel, Ricardo Dias de Oliveira Filho e Thayná Patricia Alves

Os insetos fazem parte do grupo mais populoso de animais no mundo e representam aproximadamente 70% dos seres vivos que habitam a Terra. Embora muitos acreditem que esses pequenos bichos sejam incômodos ou perigosos, eles desempenham um papel fundamental para o equilíbrio do meio ambiente, cada vez mais ameaçado pelas mudanças climáticas.

Insetos urbanos

Um besouro lírio-vermelho (*Lilioceris lili*) anda na calçada cinza. Entre ele e o concreto, a temperatura chega a 34 graus. Toda a sua linhagem veio de Portugal, e se reproduziu amplamente no ambiente úmido e quente do trópico. Apesar disso, o besouro morre ao andar longe do ínfimo santuário da Mata Atlântica.

A dois quilômetros do pequeno ser está o Instituto Butantan, local de estudo e preservação de insetos. Lá dentro, Lincoln Suesdek, doutor em Biologia-Genética, explica a resistência dos artrópodes voadores que infestam as cidades: "Na maior parte das situações, em região urbana só tem três, quatro espécies, mas tem milhares daqueles bichos".

Essa acomodação não é natural, pois grande parte das espécies prefere ambientes de mato e com troncos. A grande maioria dos insetos não se adequa às cidades, o que levou à redução de até 20% de um gênero todo de artrópodes no Brasil.

"Os mosquitos silvestres não gostam de botar ovos no recipiente artificial, eles gostam de botar ovo no recipiente que reconhecem como sendo natural", esclarece o biólogo. Ou seja, essa ação vai de frente à urbanização e seus problemas sanitários, como escoamento de esgotos e água não tratada. Com isso, os artrópodes têm entrado nas cidades com mais frequência.

Além da expansão urbana, Suesdek argumenta que isso pode ser consequência do clima. Ele menciona um maior número de casos de dengue nas chamadas ilhas de calor, áreas que costumam ser mais quentes devido ao acúmulo de gás carbônico nas cidades. O aumento da temperatura faz com que o *Aedes aegypti*, por exemplo, apresente uma velocidade de reprodução maior, bem como o vírus da dengue, que altera o sistema nervoso dos mosquitos para que se movam mais rápido.

A expansão agrícola e a consequente destruição de florestas estão diretamente ligadas à redução da diversidade de espécies e ao aumento das pragas nas áreas

urbanas. O professor de biologia Francisco Antonio de Almeida Filho explica que, ao perderem seus habitats naturais, muitos insetos migram para as cidades em busca de refúgio e alimento.

Quando esses ambientes naturais são destruídos, o equilíbrio ecológico é rompido, e as espécies que antes eram reguladas por predadores naturais podem se tornar pragas urbanas. "A destruição das florestas interrompe o controle biológico natural e permite que insetos antes controlados se proliferem descontroladamente nas cidades, com abundância de lixo e água", explica o docente.

Além disso, a fragmentação dos habitats florestais não só reduz a biodiversidade, como também força certas espécies de insetos, roedores e outros animais a se adaptarem às condições urbanas. Isso cria um ambiente propício à proliferação de pragas, já que as cidades oferecem uma grande quantidade de alimentos, além de temperaturas favoráveis à reprodução de espécies como baratas e mosquitos.

Reguladores naturais

Do outro lado da moeda, como todo ser vivo, os insetos possuem funções essenciais para a manutenção da vida no planeta, realizando processos como a polinização, decomposição de matérias orgânicas e controle natural de pragas. As libélulas, por exemplo, são predadoras de mosquitos, moscas e outros pequenos artrópodes.

Em 2021, o estudo "Controle de larvas de *Aedes aegypti* por ninfas de libélula (Odonata) sob condições laboratoriais", realizado pelo IFS (Instituto Federal de Sergipe), analisou o controle biológico proporcionado pelas libélulas em relação aos mosquitos. A pesquisa mostra que elas consomem cerca de 25 a 30 ovos, sendo uma opção eficiente contra a dengue, zika e chikungunya. Apesar disso, 16% das espécies de libélula em todo o mundo estão em risco de extinção, segundo a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN).

Libélulas também são indicadores da saúde da biosfera local, como reforça Cláudio da Silva Monteiro Júnior, doutor em Zoologia, com foco nos impactos ambientais decorrentes da urbanização de Manaus (AM). Espécies limitadas a um ambiente podem ser consideradas indicadores de boa qualidade do habitat, uma vez que dependem de fontes de água, como rios e lagoas.



© Artur Maciel

Lilioceris lili é o nome científico do besouro-vermelho-das-lílias, em muitos locais é considerado uma praga

No entanto, Almeida Filho chama atenção para a forma que muitos alunos e grande parte da população enxergam os insetos. "A primeira reação de muitos é de aversão ou medo, já que o conhecimento sobre os benefícios que eles trazem à natureza não é tão difundido quanto deveria", argumenta.

As abelhas, borboletas e outros polinizadores, por exemplo, são responsáveis por fertilizar cerca de 75% das plantas cultivadas e até 90% das plantas silvestres de todo o mundo, garantindo a reprodução de diversas espécies vegetais e a produção de alimentos.

Já espécies como as joaninhas e as vespas se alimentam de insetos prejudiciais às plantações, contribuindo para a redução do uso de pesticidas e promovendo práticas agrícolas mais sustentáveis. Quando o assunto é decomposição, besouros e formigas ajudam a quebrar matéria orgânica, transformando-a em nutrientes que voltam para o solo. Esse processo não só melhora a fertilidade como também ajuda a eliminar organismos causadores de doenças.

Para que esses papéis se cumpram e a sustentabilidade dos ecossistemas seja preservada, a conservação e restauração dos habitats naturais, bem como o apoio às pesquisas científicas e incentivos a práticas agrícolas sustentáveis são primordiais, pontua Almeida Filho.

O docente ainda aborda a importância de mudar a percepção sobre o meio ambiente e os seres vivos. "A educação e sensibilização da população também desempenham um papel fundamental, como programas que informem sobre a importância dos insetos e suas funções ecológicas", destaca.

Brasil avança com obstáculos e lentidão na jornada dos veículos elétricos

Como se dá a adesão e quais os incentivos governamentais destinados aos veículos movidos a bateria no país

Por Eshlyn Cañete, Jalile Elias, Mayara Neudl e Vitor Nhoatto

Em tempos de mudanças climáticas, a busca por soluções e opções mais limpas passa por todos os setores, inclusive o da mobilidade urbana. Neste campo, a transição energética para a descarbonização é primordial e os automóveis elétricos são uma peça-chave. Com a demanda de investimentos e incentivos, a mudança já existe no Brasil e seu potencial é enorme, apesar de não ser contemplada inteiramente pelos governos, tanto na esfera nacional, como na estadual.

Elétricos são de fato sustentáveis?

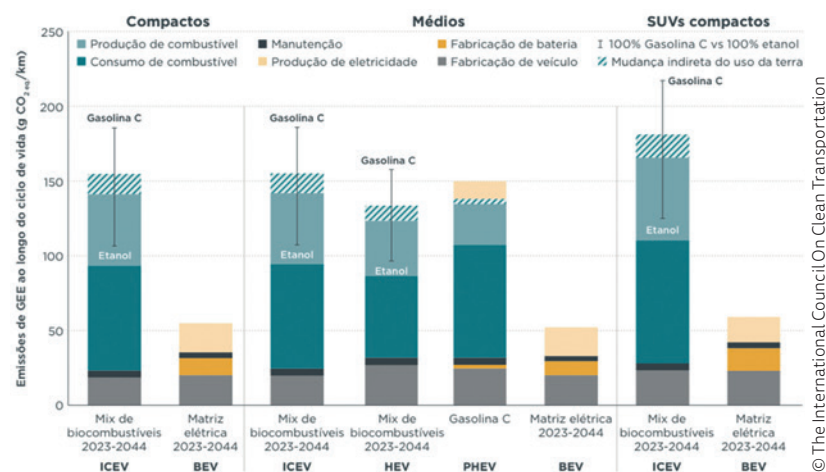
Silenciosos e mais simples, os veículos movidos a bateria (BEV) não são uma invenção recente, mas começaram a ganhar relevância nos últimos dez anos. No lugar do motor convencional e do sistema de escape dos veículos de combustão interna (ICEV), tem-se uma bateria e um motor elétrico. Com isso, há uma diminuição considerável no número de peças e na necessidade de manutenção, além de zero emissões de poluentes na condução.

A poluição e liberação de gás carbônico (CO₂) na atmosfera, no entanto, não é zerada, e o processo de produção desses veículos é delicado. A bateria, principal componente dos elétricos, é composta por uma combinação de minérios, como lítio, ferro e fosfato – variando entre as fabricantes – e a extração desses materiais também impacta o meio ambiente.

Segundo estudo divulgado no ano passado pelo Conselho Internacional de Transporte Limpo (ICCT, na sigla em inglês), que compara as emissões de gases do efeito estufa no ciclo de vida de carros de passeios a combustão e elétricos no Brasil, o processo de produção dos BEVs emite mais poluentes do que os ICEVs, com a bateria representando quase metade dessa cifra.

Porém, ao se considerar o ciclo de vida completo entre modelos equivalentes a combustão, como os híbridos-flex (HEV), os híbridos plug-in com uso apenas de gasolina (PHEV) e veículos totalmente elétricos, a pegada de carbono neste é muito menor em todos os casos. O levantamento destaca que as emissões dos Gases do Efeito Estufa (GEEs) são quase 70% menores nos elétricos quando comparados aos veículos flex.

No caso dos HEVs, modelos que funcionam com um motor convencional responsável por impulsionar o carro,



O método utilizado pelo estudo foi o conceito chamado berço ao túmulo, abrangendo a emissão de CO₂ do início da produção até a reciclagem dos veículos no fim de seu uso

combinado a uma bateria relativamente menor que a de um elétrico, que é recarregada pelo motor a combustão, a emissão ainda é 14% mais baixa. Já os PHEVs, com baterias maiores que os híbridos convencionais, carregadas na tomada, a pegada de carbono é apenas 3% menor que a dos ICEVs.

A matriz energética brasileira, majoritariamente renovável, impulsiona ainda mais a sustentabilidade dos elétricos, como destaca Danilo de Souza, mestre e doutorando em Energia pelo Instituto de Energia e Ambiental da Universidade de São Paulo (USP) e professor na Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). “Rodar um carro elétrico no Brasil é cinco vezes mais interessante que rodar um na Europa. Você emite cinco vezes menos, aproximadamente”.

O estudo frisa que o uso exclusivo do etanol em modelos flex reduz significativamente a pegada de carbono, quase 31%, representando uma importante ferramenta a curto prazo para a descarbonização. Mesmo assim, a reciclabilidade das baterias e a eficiência energética dos elétricos é evidenciada pela pesquisa. Cerca de 90% da energia é usada para impulsionar os BEVs, enquanto 30% se dirige aos térmicos, e quase 100% das baterias são recicláveis, com seus minerais não perdendo a eficiência.

Além disso, existe uma necessidade econômica de incentivar a produção local de BEVs. Em um cenário mundial inevitável da eletrificação, deve haver medidas para não isolar a indústria brasileira do mundo, o que promoveria a diminuição das exportações de veículos, o aumento da importação e consequentes perdas na receita do país. “O Brasil precisa avançar na pesquisa, no ensino, nas estratégias de governança e trabalhar com essas questões”, completa Souza.

Desafios da mobilidade elétrica no Brasil

Embora os veículos elétricos apresentem diversas vantagens, ainda enfrentam barreiras significativas para se popularizarem no Brasil. O preço elevado desses carros e a infraestrutura de recarga, que ainda é escassa, são obstáculos importantes. Segundo a Associação Brasileira de Veículos Elétricos (ABVE), o Brasil ultrapassou em agosto a marca de 10 mil pontos de recarga para carros elétricos (BEV) e híbridos plug-in (PHEV). No entanto, a quantidade é considerada baixíssima tendo em vista a necessidade.

Mas é a questão econômica a principal limitante da expansão dessa motorização. A economia brasileira emergente, majoritariamente baseada na venda de matérias-primas e sem produção de elétricos nacionais, faz com que os BEVs permaneçam inacessíveis à grande parcela da população. Até o momento, a dependência externa de tecnologia totalmente elétrica é total, com apenas Toyota e CAOA Chery produzindo híbridos no país.

De acordo com uma pesquisa do Ipsos Drivers realizada em março deste ano, o interesse nos elétricos cresceu, e o número de pessoas que consideram muito provável a aquisição de um veículo totalmente elétrico passou de 14% para 16% em relação ao ano passado. No entanto, para quase metade deles, os preços mais altos quando comparados aos ICEVs são o principal impeditivo.

Até o momento desta reportagem, o carro elétrico zero quilômetro mais barato oferecido no mercado é o Renault Kwid E-Tech, hatch subcompacto com pouco menos de 200km de autonomia segundo o Inmetro, custando uma média de R\$99.990,00. Importado da China, porém, é R\$25,4 mil mais caro que sua versão flex.

Como o país vem lidando com os elétricos

O caminho para a transição é longo e demanda medidas específicas para sua concretização. Nos países europeus, empenhados na eletrificação e na descarbonização da indústria, e na China, maior mercado e a maior produtora de BEVs no mundo, uma estratégia comum e fundamental para a concretização desses objetivos é o incentivo fiscal.

A gigante asiática pratica a concessão de benefícios a montadoras de veículos eletrificados desde 2014, e a União Europeia (UE) têm medidas parecidas há mais de dez anos, desde isenções de impostos até bonificações diretas aos compradores. Tudo isso fez com que a participação dos BEVs nas vendas representasse, já em 2023, cerca de 25% na China e 15% na UE, segundo levantamento da Agência Internacional de Energia (IEA). No Brasil, a parcela ainda é mínima, chegando a 0,9% em 2023, segundo a Associação Brasileira do Veículo Elétrico (ABVE). Estima-se que até a próxima década esse número suba para 10% apenas.

A União Europeia, por meio do “Green Deal”, planeja eliminar veículos a combustão até 2035, com subsídios e isenções fiscais para estimular tanto a compra quanto a construção da infraestrutura de recarga.

Em relação às isenções de tributos, praticadas amplamente por países como Chile, Panamá e Uruguai, o cenário é um pouco menos precário, mas ainda desorganizado, como defende Rafael Morales, mestre em política e professor no Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais do Distrito Federal (IBMEC-DF). “Não há um conjunto robusto e organizado de medidas que caminhe no sentido da descarbonização e consequente eletrificação”, afirma.



© João Souza/Gov.BA

Em evento na futura fábrica da BYD, executivos da marca chinesa de eletrificados afirmaram a importância de incentivos fiscais após anúncio da isenção de IPVA no estado aos totalmente elétricos até 300 mil

O programa Mover, elaborado em conjunto entre os Ministérios do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, da Fazenda, e da Ciência, Tecnologia e Inovação, é o único exemplo atual que pode

beneficiar também os elétricos. O projeto, aprovado pela Câmara no dia 11 de junho, busca modernizar a indústria automobilística brasileira e, nos próximos cinco anos, deve oferecer em torno de R\$19 bilhões em incentivos à pesquisa e desenvolvimento de veículos menos poluentes, a combustão ou não.

Outra esperança em relação aos eletrificados era a reforma tributária, promulgada no fim do ano passado e ainda em regulamentação. O texto original do projeto – de julho de 2023 – previa a manutenção até 2025 da isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) a carros produzidos nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, mas somente aos eletrificados. Contudo, o destaque foi excluído.

Em novembro do ano passado, a proposta foi inserida novamente, mas reformulada. A nova versão propõe estender a isenção até 2032 e abranger todos os veículos fabricados nas regiões. O novo formato foi aprovado pelos deputados, passando a beneficiar outras marcas instaladas nas regiões definidas, como Caoa Chery, Hyundai e Mitsubishi.

Em relação à inexistência em escala federal de uma legislação ou projeto que ofereça subsídios diretos ou renúncias fiscais exclusivamente aos eletrificados, seja para consumidores ou fabricantes, Morales complementa que “muito disso é por conta dos interesses do Congresso Nacional, que ainda não tem em sua pauta os assuntos relacionados às mudanças climáticas e à descarbonização da economia em si”.

A medida mais relevante e com maior impacto no segmento era a isenção do imposto de importação para veículos elétricos e a redução de 35% para 7% aos modelos híbridos. Instituída em outubro de 2015, quando apenas um modelo totalmente elétrico era oferecido no Brasil e as vendas de eletrificados não passavam de mil unidades por ano, o benefício foi extinto a partir de janeiro deste ano. Visando atrair a produção para o país, a resolução, no entanto, pôs fim ao único incentivo federal voltado diretamente a eles.

A resolução, anunciada em novembro de 2023, promove a volta gradual do tributo com porcentagens específicas a cada motorização e uma cota para as montadoras utilizarem em um primeiro momento, visando diminuir o impacto imediato. A taxa desde janeiro é de 12% aos HEVs e PHEVs, de 10% aos BEVs, e aumentará progressivamente nos próximos dois anos até atingir a alíquota padrão aos importados, de 35%, em julho de 2026.



© Quatro Rodas/Divulgação

O conglomerado Stellantis, formado por Fiat, Peugeot, Citroën e Jeep, no Brasil, anunciou investimento de R\$30 bilhões nos próximos 5 anos para a produção de híbridos-flex

Medidas pontuais não promovem o necessário

Em relação aos estados, o cenário é um pouco diferente, com descontos ou isenção do Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA) para os carros eletrificados em determinados pontos do país. Rio Grande do Sul, Pernambuco, Maranhão, Rio Grande do Norte e Bahia oferecem isenção total somente aos elétricos, enquanto o Distrito Federal inclui os híbridos. Minas Gerais aprovou uma lei que isentaria totalmente os BEVs, mas apenas os fabricados no estado, o que ainda não existe.

Os governos do Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Roraima, Tocantins, Ceará e Alagoas oferecem reduções no imposto, variando as porcentagens entre si. São Paulo, Espírito Santo, Goiás, Amazonas, Rondônia e Paraíba contam com projetos em tramitação. Já os estados de Santa Catarina, Paraná (a partir deste ano), Mato Grosso, Acre, Pará, Amapá, Piauí e Sergipe não oferecem isenção alguma.

Mesmo com a maioria dos distritos já contando com medidas ou projetos, ações maiores em escala, efetividade e velocidade são exigidas para a mudança necessária, como frisa Rodrigo Jesus, porta-voz da frente de justiça climática do Greenpeace Brasil. “Estamos diante de um cenário de crise climática, e precisamos urgentemente repensar o processo de produção e planejamento urbano. Mitigar e adaptar com justiça climática deveria ser a prioridade do poder público”.

A indústria brasileira passará por uma modernização nos próximos cinco anos, com mais de R\$100 bilhões já anunciados por mais de 10 montadoras com fábricas em território nacional, sendo a maioria para implementar projetos de eletrificação em suas linhas, como Fiat, Jeep, Volkswagen e Toyota. Recém-chegadas como as chinesas GWM e BYD também prometem continuar sacudindo o mercado, mas apenas o tempo dirá se o Brasil engatará de fato na eletricidade.

Destruição das matas brasileiras aumenta por influência do agronegócio

Seca histórica e expansão agrícola criminosas agravam incêndios em biomas brasileiros

Por Eduarda Amaral, Juliana Salomão, Vanessa Orcioli e Wildner Felix

Brasil enfrenta neste ano um aumento significativo de incêndios florestais em seus biomas, principalmente na Amazônia e no Cerrado. Impulsionado por uma seca histórica e pelas mudanças climáticas, o país é um dos maiores emissores de gases de efeito estufa do mundo. Além disso, o desmatamento para a expansão agrícola persiste, sendo protagonista dos incêndios que assolam o país há décadas.

por algo mais intenso, como incêndios criminosos e a apropriação de terras por parte da agropecuária.

O bioma menos impactado foi o Pampa, devido às suas características, vegetação campestre e as fortes chuvas ocorridas no estado do Rio Grande do Sul, com 3 mil hectares queimados no mesmo período durante os três últimos anos.

De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), durante os

meses de janeiro a outubro, o bioma Pantanal teve 13.556 focos de incêndio a mais do que no ano anterior. O maior pico de áreas queimadas foi em 2020, com 832,2 mil ha, segundo o Monitor do Fogo. A Mata Atlântica também foi um bioma muito prejudicado em setembro, com 283.474 hectares afetados,

um aumento de 880% em relação ao mesmo período de 2023 (28,9 mil ha).

No ranking dos estados mais afetados pelos incêndios, o Mato Grosso lidera, com 5,5 milhões de hectares queimados entre janeiro e setembro. O Pará ocupa o segundo lugar, com 4,6 milhões de hectares afetados. Em terceiro, está o Tocantins, com 2,6 milhões de hectares perdidos. Juntos, esses estados representam 56% da área queimada no período.

Ações governamentais e retrocessos ambientais

De acordo com a Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA), a seca histórica que afetou o Brasil nos últimos anos é resultado da combinação de dois fatores: o desmatamento ambiental e o fenômeno climático El Niño, caracterizado pelo aquecimento das águas do Oceano Pacífico, que influencia os padrões de circulação atmosférica do planeta e afeta o clima em todas as regiões do país.

Esse fenômeno intensificou os períodos de seca no Brasil, principalmente na região Norte, que foi a mais afetada com os incêndios florestais durante o primeiro semestre. Essa crise climática pressiona ações mais eficazes por parte do governo federal para a implementação de políticas de preservação do meio ambiente e de fiscalização contra incêndios propositais, que podem ser facilmente descontrolados pelo clima.

Segundo a professora Marijane Lisboa, coordenadora do curso de Ciências Socioambientais da PUC-SP, o Ibama e o ICMBio deveriam reforçar seus quadros de funcionários. "A Polícia Federal e as Forças Armadas, especialmente o Exército e a Aeronáutica, deveriam ter setores preparados e à disposição para serem acionados quando necessário", aponta.

De acordo com o Boletim do Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, publicado em setembro deste ano, as ações para o combate aos incêndios estão sendo realizadas por 2.992 profissionais, incluindo equipes do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), das Forças Armadas e da Força Nacional de Segurança Pública, que atuam diretamente nas operações para conter o avanço das chamas e proteger as pessoas e os biomas.

A Secretaria de Comunicação Social do Governo Federal informou que, até setembro, 71% dos 820 incêndios registrados na Amazônia, no Cerrado e no Pantanal foram controlados ou extintos. Com um investimento de R\$38,6 milhões para as forças de segurança dos estados, o Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) os fundos para combate de incêndios nos biomas aumentaram 310% em relação a 2022, quando investiu apenas R\$9,4 milhões.



Mapa das queimadas no Brasil entre 1985 e 2023

Segundo levantamento do MapBio-mas, iniciativa do Observatório do Clima, em menos de 40 anos as queimadas destruíram 199 milhões de hectares (ha) brasileiros, cerca de 23% do país. Em 2024, no período de janeiro a setembro, esse número aumentou 150% em relação a todo o ano passado, ainda segundo as recentes atualizações do projeto.

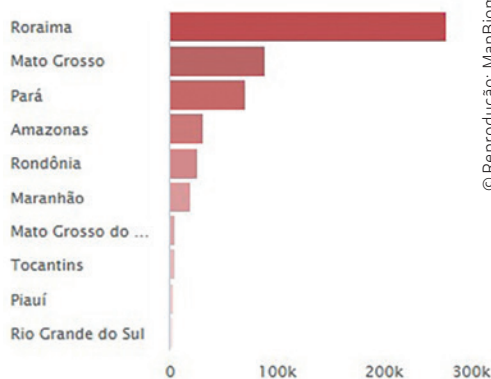
Quais regiões do Brasil são mais afetadas?

As queimadas intensificadas colocam o Brasil em uma situação ambiental crítica. Com o período de junho a outubro sendo o mais seco do ano, o Monitor do Fogo registrou um aumento de incêndios de 22 milhões de hectares em nove meses. A Amazônia teve 51% de sua área afetada por incêndios, principalmente provocados por humanos, o que acelera o aquecimento global.

O Cerrado ocupa o segundo lugar em termos de área atingida pelas queimadas em setembro, com 4 milhões de hectares devastados, um número que supera em muito a média histórica para o mês e estabelece um novo recorde nos últimos cinco anos. Esses dados demonstram que, além dos incêndios naturais necessários ao estilo do bioma, o fogo está sendo causado

Territórios mais afetados

Ranking dos territórios mais afetados pelas queimadas, de acordo com o agrupamento territorial e período selecionados.



Mapa do Ranking dos estados mais afetados no período de janeiro a setembro de 2024

Impactos na saúde pública continuam

Mesmo com todas as medidas, os dados mostram que a destruição continua, e os seus impactos na população são intensos e ocorrem por todo o país. Um exemplo da dinamicidade e interligação do meio ambiente foi a capital paulista. Somado à poluição da queima de combustíveis e das indústrias, as altas temperaturas por influência do concreto e da baixa umidade – que chegou a uma média de 12% em agosto e setembro segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) –, a fumaça de incêndios florestais no estado intensificou ainda mais esse cenário.

Diante de tudo isso, o Centro de Gerenciamento de Emergências (CGE) alerta que tais condições climáticas favorecem a concentração de poluentes na atmosfera, intensificando os problemas de saúde pública e pressionando o sistema público.

Na manhã do dia 9 de setembro deste ano, São Paulo liderou o ranking de metrópoles com a pior qualidade de ar do mundo, seguida por Ho Chi Minh, no Vietnã; e Lahore, no Paquistão; de acordo com a plataforma suíça de monitoramento em tempo real da qualidade do ar, IQAir. A capital paulista ocupou o pódio por cinco dias consecutivos, permanecendo como uma das cidades mais poluídas do mundo.

A qualidade do ar na cidade foi considerada insalubre, com uma concentração de poluentes na atmosfera 20 vezes maior que o recomendado pelo valor da diretriz anual de qualidade do ar da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Além disso, o Parque Estadual do Jaraguá, que abriga parte da Mata Atlântica Paulista, foi fechado devido ao alto

risco de queimadas. A medida foi tomada em função da baixa umidade e das altas temperaturas, visando proteger tanto os visitantes quanto as áreas preservadas do parque.

O Impacto do Agronegócio e as Mudanças no Código Florestal

Nos últimos anos, foi notória a expansão em ritmo acelerado do agronegócio brasileiro. Em meio a isso, ocorreu uma flexibilização de diversas leis ambientais, especialmente relacionadas ao Código Florestal. Em entrevista ao **Contraponto**, a advogada ambiental Iederly Bandeira explica porque o setor busca essas flexibilizações. “Elas permitem que os proprietários regularizem áreas desmatadas no passado e reduzam a obrigatoriedade de recuperação de áreas degradadas”, explica.

A legislação ambiental brasileira (Lei nº 9.605/98), estabelece penas de reclusão de um a quatro anos, além de multa para quem causar poluição que prejudique a saúde humana, a fauna e a flora. A pressão política sobre as normas ambientais é intensa, uma vez que conta com o apoio e dinheiro do agronegócio que, inclusive, defende seus interesses através da chamada “Bancada Ruralista” no Congresso Nacional, uma ala formada por parlamentares alinhados às demandas do setor.

Mesmo assim, diante do cenário atual preocupante, novas medidas foram adotadas. A Lei 14.944/24, que institui a Política Nacional de Manejo Integrado do Fogo desde agosto, busca regulamentar o uso controlado do fogo em áreas rurais, com foco na preservação ambiental e na sustentabilidade. A legislação também reconhece o direito de comunidades indígenas e quilombolas de realizar práticas tradicionais de agricultura de subsistência por meio de queimadas controladas.

Entretanto, a especialista alerta que a fiscalização no combate às queimadas enfrenta desafios significativos. A vastidão do território brasileiro e a falta de recursos dificultam a fiscalização in loco, e a falta de investimento em tecnologias de monitoramento e controle somadas à deficiência no treinamento de equipes tornam a fiscalização menos eficaz, especialmente em áreas remotas.

A nova legislação ainda prevê a responsabilização solidária de todos os envolvidos em crimes ambientais, incluindo tanto os produtores rurais quanto as empresas que adquirem produtos oriundos de áreas queimadas. Contudo, a aplicação dessa responsabilização também é complexa, frequentemente enfrentando desafios na comprovação da ligação direta entre as corporações e os danos ambientais.

As punições para grandes corporações que se envolvem em práticas ambientais ilegais podem variar desde multas e suspensão de atividades até o embargo de áreas. “Em casos mais graves, essas empresas podem enfrentar processos criminais, entretanto, a dificuldade de efetivar essas penalidades é acentuada pela influência política”, conclui Bandeira.

De um caminho sem volta para um futuro possível

As queimadas não atingem apenas as comunidades nas áreas próximas, mas toda a cadeia de produção de alimentos do país. “Toda essa vegetação perdida vai fazer com que os próximos anos sejam muito piores, e é por isso que é um crime hediondo”, comenta Luciana Gatti, cientista de mudanças climáticas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Os povos indígenas são os mais afetados, uma vez que a sua forma de viver é destruída e a segurança alimentar fica comprometida. Segundo a Federação dos Povos e Organizações Indígenas de Mato Grosso (Fepoint), cerca de 41 terras indígenas foram afetadas pelas chamas. Próximo à região, inclusive, a Comunidade da Barra do São Lourenço, no Mato Grosso do Sul, em particular, enfrenta uma situação crítica com trinta famílias em estado de calamidade. As queimadas impediram a comunidade de colher os produtos dos quais dependem para sobreviver, fato que se agrava pelos efeitos das estiagens resultantes dos incêndios.

Uma forma de promover um melhor planejamento do uso sustentável do território brasileiro é por meio do Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE), uma ferramenta essencial para orientar o desenvolvimento em áreas sensíveis, como a Amazônia e o Cerrado, delimitando onde as atividades agrícolas precisam ser controladas ou evitadas.

O ZEE avalia a vulnerabilidade ambiental de cada região, propondo um equilíbrio entre preservação e o uso consciente dos recursos naturais. Para garantir mais eficácia, o programa precisa ser atualizado regularmente, de forma a acompanhar as mudanças climáticas e os avanços dos incêndios florestais.

A coordenadora do curso de Ciências Socioambientais da PUC-SP alerta para a necessidade de cumprimento mais efetivo e endurecimento de medidas como essas ao longo do tempo. “Não podemos deixar a temperatura média do planeta subir para mais do que 2°C acima do período pré-Revolução Industrial. O *Homo sapiens*, que não está parecendo tão *sapiens* assim, seria incapaz de suportá-la”, conclui.



© Juliana Salomão

Com riscos florestais, o ‘Pico do Jaraguá’ ficou fechado de setembro até o início de outubro

Ensaio fotográfico Vozes da Terra: Resistência Indígena em Defesa do Meio Ambiente

Por Letícia Falaschi

Dia 22 de setembro, avenida Paulista: O povo está ardendo. Ocorreu, em uma das principais avenidas da cidade de São Paulo, a Marcha Pelo Clima. Uma das maiores cidades do país foi inundada por reivindicações pela evolução das políticas ambientais e um basta da população diante a negligência da nocividade da crise climática. As queimadas que se alastraram pelo Brasil no segundo semestre de 2024 foram uma das principais pautas: o ar categorizado como insalubre em diversas cidades brasileiras causaram um choque. Mas foi exposto, também, a indignação diante um sistema de produção que esgota a natureza até a sua incapacidade se curar. Entre o eco das vozes indígenas, que lideraram boa parte do ato, e os cartazes indicando a desigualdade social como fator de piora dos efeitos do colapso ambiental, os prédios da cidade e a praça do Monumento às Bandeiras foram plateia de gritos de guerra e indignação do povo brasileiro.





Das pioneiras às campeãs: a luta por visibilidade e o legado nos Jogos Paralímpicos

Atletas femininas continuam a lutar por reconhecimento e igualdade na cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos

Por Amanda Furniel, Ana Beatriz Villela, Kiara Elias e Luciana Zerati

Os Jogos Paralímpicos tiveram sua primeira edição em 1960, em Roma, na Itália. Eles surgiram a partir de competições organizadas no Hospital Stoke Mandeville, na Inglaterra, onde, desde 1948, os eventos esportivos foram promovidos para a reabilitação de veteranos da Segunda Guerra Mundial. A partir de 1948, os Jogos passaram a ser realizados regularmente e, em 1952, foram selecionados atletas estrangeiros pela primeira vez.

Seu crescimento fez com que o evento deixasse de ser exclusivamente voltado para pacientes, transformando-se em um evento que acolhia pessoas com deficiência dedicadas ao esporte como uma prática de vida. Então, em 1960, ficou estabelecido que a edição dos Stoke Mandeville Games seria realizada na mesma cidade que sediava os Jogos Olímpicos. Essa edição é considerada a primeira da história dos Jogos Paralímpicos.

No entanto, foi apenas a partir de 1964, em Tóquio, que o evento passou a ser oficialmente chamado de Jogos Paralímpicos. As mulheres começaram a participar já na primeira edição, em 1960. Embora a presença feminina fosse limitada no início, seu envolvimento cresceu significativamente ao longo dos anos, refletindo a evolução do evento em termos de diversidade e inclusão.

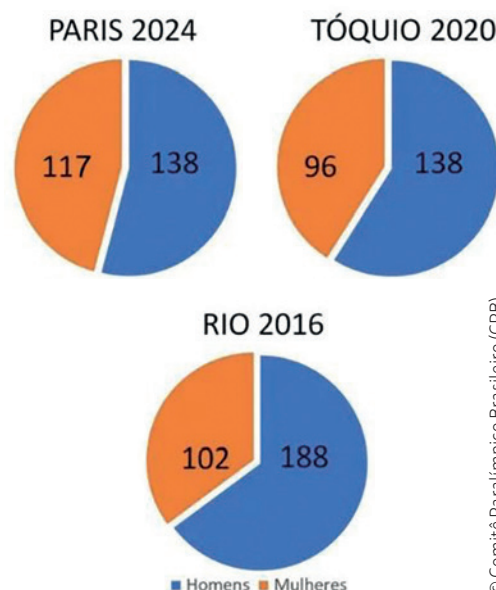
A primeira participação do Brasil ocorreu em 1972, na cidade de Heidelberg, na Alemanha. Foi enviada uma delegação composta apenas por atletas homens, que competiram em diversas modalidades, mas não conquistaram medalhas. A estreia feminina do Brasil nos Jogos Paralímpicos aconteceu em 1976, na edição realizada em Toronto, no Canadá. As pioneiras foram Beatriz Siqueira, que competiu na natação e no lawn bowls, e Maria Alvares, que participou no tênis de mesa e no atletismo.

Além disso, as primeiras medalhas paralímpicas femininas do Brasil foram conquistadas em 1984, nas edições de Nova York e Stoke Mandeville. As atletas Márcia Malsar (200 metros rasos), Amintas Piedade (arremesso de peso e lançamento de dardo), Maria Jussara Mattos (natação) e Miracema Ferraz (arremesso de peso, natação e slalom) foram pioneiras, garantindo os primeiros pódios femininos para o Brasil na história da competição.

Assim como nos Jogos Olímpicos, os Jogos Paralímpicos de Paris 2024 marcarão uma edição histórica para o Brasil, com a maior participação feminina já registrada. Pela primeira vez, o número de

mulheres na delegação brasileira chegou a 117 atletas, representando 45,88% do total de 255 competidores. Esse crescimento reflete uma evolução importante em relação aos Jogos Paralímpicos do Rio 2016, quando 102 mulheres representaram 35,17% da delegação brasileira.

Quantidade de atletas mulheres com deficiência do Brasil nas últimas três edições dos Jogos:



© Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB)

Na Paralimpíada de Paris, ocorreu a maior convocação feminina da história do Brasil, com um número recorde de atletas mulheres na delegação

As atletas brasileiras se destacaram em Paris, registrando conquistas significativas e garantindo uma parte considerável das medalhas de ouro do país, além de ocupar quase metade dos lugares no pódio. Elas somaram 43 medalhas: 13 de ouro, 12 de prata e 18 de bronze, alcançando o melhor desempenho feminino na história das Paralimpíadas brasileiras. Esse resultado superou as 26 medalhas conquistadas em Tóquio 2020, quando as mulheres brasileiras haviam alcançado sete ouros, sete pratas e 12 bronzes.

A superioridade feminina no quadro de medalhas paralímpicas não é uma novidade para o Brasil. Nos Jogos de Sydney 2000, elas conquistaram cinco das seis medalhas de ouro do país, solidificando seu protagonismo no esporte. Esse resultado, porém, ficou isolado a partir dos Jogos de Atenas 2004, quando os homens passaram a dominar, conquistando a maioria das medalhas de ouro nas edições seguintes.

Em entrevista ao **Contraponto**, a jornalista Juliana Yamaoka, formada e pós-graduada em Produção, Criação e Gestão de Audiovisual Transmídia pela Faculdade

Cásper Líbero, destacou o sucesso do esporte paralímpico brasileiro, considerado "um modelo mundial de administração e investimento". Segundo ela, os resultados desse esforço aparecem ao longo de vários ciclos, como evidenciado em Paris 2024, onde o Brasil teve sua melhor campanha feminina, com mais ouros conquistados pelas mulheres do que por homens.

Além disso, ressaltou o desenvolvimento das atletas paralímpicas, "elas estão ganhando cada vez mais estrutura e dignidade para se trabalhar, saindo muito do discurso do coitadismo da vítima, da história de guerreira. É um movimento que a própria mídia está fazendo, buscando muito mais a cobertura esportiva em si." Para Yamaoka, o esporte paralímpico feminino está evoluindo de maneira significativa. "Eu sinto um movimento como um todo e o resultado está aí, a melhor campanha da nossa história" afirmou.

A edição de 2024 dos Jogos foi marcada por conquistas das atletas brasileiras, que fizeram história em diversas modalidades. Entre os destaques, Maria Carolina Santiago se sobressaiu ao se tornar a maior medalhista de ouro do Brasil na história das Paralimpíadas.

Carol Santiago, nadadora da classe SB12 (baixa visão), fez história ao conquistar três medalhas de ouro em Paris, elevando seu total a seis ouros na carreira. Com essa conquista, ela superou o recorde da velocista Ádria Santos, que subiu ao lugar mais alto do pódio quatro vezes entre os Jogos de Barcelona 1992 e Atenas 2004. Agora, Carol acumula um total de dez medalhas paralímpicas, com seis ouros, três pratas e um bronze, consolidando-se como a atleta brasileira com o maior

ÚLTIMOS DESEMPENHOS FEMININOS

Ano	Ouro	Prata	Bronze	Total
2024	13	12	18	43
2021	7	8	12	27
2016	2	6	11	19
2012	3	4	4	11
2008	1	4	8	13
2004	3	4	4	11
2000	5	1	0	6
1996	0	3	3	6

Tabela com os desempenhos femininos nos Jogos Paralímpicos desde 1996

© Globo/GE

© Marcello Zambrana/CPB



Carol Santiago conquistou nos Jogos Paralímpicos de Paris, três medalhas de ouro e duas de prata

número de medalhas de ouro e a quinta com mais medalhas no total.

A participação de mulheres no esporte paralímpico tem crescido ao longo dos anos, mas a igualdade de oportunidades e representatividade ainda está distante. Embora muitas atletas tenham conquistado reconhecimento em diversas modalidades, há desafios estruturais que continuam a dificultar o acesso pleno delas a esse universo.

Um dos principais problemas enfrentados é a falta de modalidades acessíveis para ambos os gêneros. O futebol de cegos, por exemplo, é uma modalidade exclusivamente masculina nas Paralimpíadas. A ausência de esportes adaptados para mulheres em certos contextos levanta questões sobre a real inclusão feminina no movimento paralímpico.

Essa desigualdade se reflete na quantidade de atletas femininas inscritas nos jogos e no destaque que suas conquistas recebem. Modalidades como atletismo e natação são amplamente praticadas por mulheres, mas esportes de equipe, que exigem maior apoio institucional, muitas vezes negligenciam a participação feminina.

Além da falta de representatividade feminina nas esferas de liderança dentro de organizações esportivas paralímpicas perpetua a invisibilidade delas nesse meio. Poucas mulheres ocupam cargos decisórios em comitês e federações, o que limita a criação de políticas voltadas para uma inclusão mais robusta e equitativa.

A representatividade em cargos de liderança é fundamental para que haja uma mudança de paradigma no esporte paralímpico. Sem mulheres em posições de poder, a visão masculina sobre as modalidades e sobre a própria participação esportiva feminina tende a prevalecer, gerando menos incentivos e oportunidades para as atletas.

Outro aspecto que precisa de atenção é a cobertura midiática das atletas paralímpicas. Embora a mídia esportiva tenha

dado mais espaço às mulheres nos últimos anos, essa visibilidade ainda é tímida quando comparada aos homens, especialmente em modalidades como futebol e basquete. O mesmo ocorre no esporte paralímpico, onde o foco principal costuma recair sobre os atletas masculinos.

Aumentar a cobertura das atletas femininas e celebrar suas conquistas de maneira igualitária é essencial para que mais mulheres se sintam inspiradas a ingressar no esporte paralímpico e para que o público geral reconheça o talento e a dedicação dessas atletas.

Apesar dos desafios, há sinais de progresso. Algumas iniciativas têm buscado promover a equidade de gênero no esporte paralímpico, como programas de incentivo à participação de mulheres e o fortalecimento de ligas femininas. No entanto, para que a igualdade de fato seja alcançada, é necessário um esforço conjunto de organizações, governos, mídia e sociedade civil.

A criação de mais oportunidades para a prática esportiva, a inclusão de modalidades femininas nas competições e a promoção de políticas de igualdade de gênero em organizações esportivas são passos fundamentais nesse caminho.

A Luta por Igualdade na Cobertura dos Jogos Paralímpicos

A cobertura midiática dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos têm revelado uma diferença significativa ao longo dos anos, mesmo que o cenário esteja em processo de evolução. Tradicionalmente, os Jogos Olímpicos recebem uma atenção midiática muito maior em comparação com os Jogos Paralímpicos. Essa disparidade está presente em diversas esferas: tempo de exposição, profundidade das análises e até mesmo no número de jornalistas destacados para as coberturas.

Um dos principais fatores que contribuem para essa diferença é a tradição e a popularidade das Olimpíadas, que há mais de um século reúnem os maiores atletas do mundo em eventos amplamente difundidos. Os esportes olímpicos frequentemente dominam as transmissões de grandes emissoras de TV e plataformas de *streaming*, enquanto os Jogos Paralímpicos ainda são tratados como um evento de menor apelo comercial.

Em 2024, o Brasil passou por uma revolução na transmissão dos Jogos, com canais gratuitos adquirindo os direitos de exibição, o que ampliou o acesso do público. No entanto, essa mudança não se refletiu nas transmissões dos Jogos Paralímpicos de Paris, dificultando o acesso da audiência às competições e comprometendo a cobertura midiática do evento.

Segundo Fernando Gavini, jornalista formado pela Cásper Líbero e CEO do Olímpia Todo Dia (OTD), existe uma grande diferença na cobertura entre os Jogos Olímpicos e os Paralímpicos. O número de

jornalistas credenciados e de TVs do mundo todo transmitindo a Olimpíada é muito maior do que na Paralimpíada. “Na Olimpíada de Paris, a imprensa escrita brasileira tinha 120 jornalistas credenciados. Quando se trata da Paralimpíada, esse número caiu para apenas 14 jornalistas credenciados”.

Além disso, ele destaca a cobertura presencial em ambos os eventos, algo que não é comum na maioria dos meios de comunicação: “O OTD é o único do Brasil e um dos poucos do mundo que oferece a mesma cobertura para o Esporte Olímpico e Paralímpico.” Ainda comenta que, em Paris, estavam presentes com seis jornalistas nos dois eventos, mantendo a mesma intensidade de cobertura para ambos, algo que não ocorreu com outros veículos e também não é comum na maioria dos meios de comunicação do mundo.

© Ana Patrícia Almeida/CPB



Carol Santiago se consolidou em Paris como a principal atleta paralímpica do Brasil

Ampliar a cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos é crucial para não apenas dar maior visibilidade aos atletas, mas também consolidar o esporte adaptado no cenário global. À medida que cresce o interesse do público e o impacto social se torna mais evidente, o esporte paralímpico ganha protagonismo nas discussões sobre inclusão e igualdade.

Para garantir um crescimento consistente, é fundamental que os meios de comunicação e patrocinadores se envolvam mais ativamente. A cobertura limitada reduz o alcance do evento e dificulta novos investimentos, reforçando a necessidade de estratégias de marketing eficazes e maior presença da mídia nas futuras edições.

Por fim, Yamaoka destaca que Paris foi uma consagração para o esporte paralímpico, evidenciando seu potencial, especialmente em termos de marketing e receitas. Ela reforça que existe um público significativo para o esporte paralímpico, e não há razões para não investir, pois esse investimento pode gerar retorno financeiro: “As pessoas estão cada vez mais interessadas em entender como funciona o esporte e a presença da mídia é essencial para que pelo menos um veículo transmita os eventos”.

Crescimento de apostas online no Brasil reforça urgência por regulamentação

Popularização das bets aumenta os riscos de endividamento e vício entre jovens brasileiros, enquanto o governo busca estratégias para controlar o setor e proteger a população

Por Beatriz Alencar, Julia Sena Batista e Natália Perez

As apostas online cresceram de um modo abrupto com a globalização e a digitalização dessas plataformas, o que as tornam de mais fácil acesso. Porém, a busca dos usuários por um rápido enriquecimento e a falta da devida regulamentação por parte do Estado, podem levar a consequências econômicas, sociais e psicológicas significativas para a população.

Conhecidas como “bets”, as empresas de apostas online, cada vez mais têm sido alvos de pesquisas e estudos. Em setembro, o Banco Central publicou um relatório revelando os perfis e comportamentos dos apostadores. Em sua maioria são pessoas já endividadas, entre 20 e 30 anos, que gastam cerca de R\$ 100,00 jogando pelo menos uma vez ao mês.

De acordo com um estudo feito pela Leadstar Media em parceria com o BDA Brasil, houve um aumento de 417,6% nas buscas por casas de apostas no Google entre setembro de 2020 e setembro de 2024. A pesquisa também aponta que o crescimento na demanda foi impulsionado, dentre outros fatores, por patrocínios e publicidades nas redes sociais.

Otávio Rodrigues, jovem de 21 anos, iniciou a jornada nas bets pelo dinheiro fácil, e por crer que haveria uma chance de ter uma renda extra sem muito esforço. “Comecei com R\$ 20,00. E depois fui aumentando para tentar recuperar o que era perdido. Cheguei a perder mais de R\$ 300,00. Aposta é uma coisa louca, você começa só como um lazer, depois não consegue parar”, acrescentou.

O aumento da discussão em torno da pauta dentro do Congresso, nas redes

sociais e nos noticiários se disseminou em setembro deste ano com a Operação *Integration*. A investigação da Polícia Civil de Pernambuco apura esquemas de lavagem de dinheiro envolvendo jogos online ilegais e o envolvimento de figuras públicas como a influenciadora Deolane Bezerra, que chegou a ser presa no dia 4 de setembro, mas agora responde em liberdade com uso de tornozeleira eletrônica.

De acordo com a operação, a influenciadora teria ocultado bens de origem ilícita, como carros, aeronaves, imóveis e firmado contratos milionários de publicidade para lavar o dinheiro oriundo de casas de apostas e de jogo do bicho. O esquema girava em torno do agora preso Darwin Henrique da Silva Filho, CEO da Esportes da Sorte, plataforma que Deolane divulgava nas redes sociais como um meio seguro de conseguir dinheiro.

“Os influenciadores mostram que jogando se ganha muito e faz os seguidores acharem que é um dinheiro fácil e que vai ganhar também. Você vai se influenciando, e acaba no vício”, declara Otávio. Quem divulga essas plataformas na internet, inclusive a própria Deolane, declara que o uso é para maiores de 18 anos e deve ser feito com responsabilidade. Mas não há como controlar “o povo mais humilde, uma criança com celular na mão fazendo aposta”, como apontou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em entrevista à Rádio Metrópole, da Bahia, no dia 17 de outubro.

A necessidade de regulamentação das bets

A lei que aprova o funcionamento de sites de apostas online no Brasil foi aprovada pelo Governo Temer em 2018, porém sua regulamentação não foi prosseguida por Bolsonaro e se tornou uma prioridade econômica do Governo Lula.

Em ofício ao Supremo Tribunal Federal, o Ministério da Saúde defendeu que o tratamento para o vício em jogos tenha intervenções semelhantes às para alcoólatras e dependentes químicos. Segundo o professor Marcos Henrique, especialista em economia e inteligência de mercado, a proibição total não é a solução.

“A aposta não está mais concentrada como antes nas loterias, na mão do governo, ou com aquele sujeito do jogo do bicho, mas agora ela está no smartphone, o que facilita o acesso. Proibir a população de fazer isso só vai gerar mais mecanismos de irregularidade, a gente sempre vai achar uma válvula de escape”, afirmou Henrique.

O Ministério do Desenvolvimento Social e Assistência Social, Família e Combate à Fome está trabalhando em um pacote de medidas que visam diminuir o vício em apostas na população mais sensível, uma das propostas é barrar o uso do cartão do Bolsa Família em sites de apostas, do mesmo jeito que os cartões de crédito são bloqueados.

Em 2024, o Ministério da Fazenda criou a Secretaria de Prêmios e Apostas para atentar ao processo de regulação do mercado de apostas e jogos online. Em outubro, uma lista com mais de 2 mil casas de apostas online consideradas irregulares pelo Ministério começaram a ser desligadas pelas operadoras de serviço. E, a partir de 2025, todas as plataformas dessa modalidade deverão ser devidamente regularizadas, sediadas no Brasil e possuir o domínio “.bet.br”.

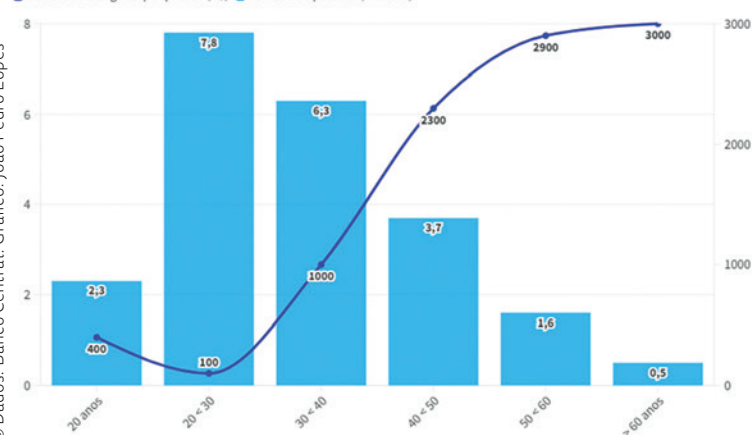
Henrique também comentou que a regulamentação e alertas mais específicos para a população é imprescindível para que eles não comprometam a renda e saúde mental. “Do ponto de vista social tem impactos ainda mais terríveis, porque se a gente pensar em famílias que vão se desestruturando, do endividamento que impacta a saúde mental das pessoas, dos casos de suicídio, dos casos de depressão profunda, tudo isso tem efeitos que a gente não consegue medir ainda, só a longo prazo”, reforçou.

O especialista destaca algumas das quais podem ser as medidas tomadas para o controle do vício nas bets. “O que o Estado precisa fazer é regular e organizar isso de maneira melhor. Fazer muita propaganda especificamente ligada à saúde, explicando os malefícios do vício nos jogos para a população, assim como é feito com cigarro e com bebida alcoólica.”, pontuou.

A tributação sobre apostas online é inferior à aplicada ao cigarro e às bebidas alcoólicas, que são taxados para desincentivar o consumo. Devido à dificuldade de fiscalização e à possibilidade de burlar as regras, o governo não parece preocupado em alterar a situação. Mesmo assim, é fundamental haver mecanismos de controle e representantes responsáveis por essas empresas do setor.

Perfil das pessoas que apostam

■ Média do valor gasto por pessoa (R\$) ■ Número de pessoas (milhões)



O gráfico demonstra a idade dos apostadores juntamente com a quantidade de dinheiro apostada

Liga Saudita de futebol tem aumento expressivo em investimentos

Com aplicação bilionária e estratégias de 'sportswashing', Arábia Saudita usa o maior esporte do mundo para melhorar sua imagem e fortalecer sua influência global

Por Daniel Santana, Felipe Oliveira e Gustavo Romero

O alto investimento no futebol saudita é observado mundialmente. Os ganhos sobressaem na infraestrutura dos centros esportivos comparados ao resto do mundo, nos programas de desenvolvimento esportivo e nas iniciativas sociais. Mas por que alguns países do Oriente Médio (como Arábia Saudita e Emirados Árabes) estão de olho no maior esporte do mundo? Além de um time em peso e promover iniciativas de contratar jogadores de alto nível, como por exemplo o Cristiano Ronaldo.

A Copa do Mundo de 2034 será sediada em um dos países, a Arábia Saudita. As seleções se preparam para um novo resultado desde agora.

No entanto, o que para uns é compromisso com o esporte, para outros essa é uma ação de marketing. De acordo com a internacionalista Amanda Ferreira, a visibilidade dos times pode ser vista como uma tentativa de *Soft Power*, estratégia para países conquistarem poder e prestígio sem o uso da força, e utilizar o futebol, o esporte mais popular do mundo, como uma ferramenta para alcançar o público global. Assim, "limparia" a visão negativa que grande parte do Ocidente tem de alguns regimes e governos de países do Oriente Médio.

A especialista aponta uma outra estratégia de crescimento utilizada pelo príncipe saudita, Muhammad bin Salman. O *sportswashing*, é uma tática de regimes autoritários que investem em esportes para melhorar sua imagem pública. "Quando se fala de Arábia Saudita, pensamos em jogadores como Cristiano Ronaldo e não em conflitos armados que o regime saudita mantém. Assim, o futebol é usado por diversas razões, sejam nacionais ou internacionais", afirma.

O principal motivo é conquistar o povo, legitimando o príncipe aos olhos da população. Ao optar por mostrar outras características do país e distanciar o foco religioso, Ferreira afirma que os jovens estão cansados de ter padrões impostos pelos preceitos religiosos. "Essa alternativa traz a Arábia para uma modernidade saudita na representação popular. Já internacionalmente, é uma forma de assegurar a manutenção de um regime autoritário ao demonstrar seu poder ao mundo, mesmo em uma região extremamente instável", ressalta.

Projeto Visão 2030 e o Futebol Saudita

O Visão 2030 é o nome dado a um projeto idealizado pelo príncipe Muhammad bin Salman para reduzir a dependência econômica da Arábia Saudita do petróleo.

Ferreira explica que essa proposta visa diversificar a economia, inserir o país no setor privado, além de aumentar a participação das mulheres no mercado de trabalho, reduzir o desemprego e influenciar os sauditas a gastarem dinheiro dentro do país. Essas mudanças criam uma zona de integração econômica, ou seja, começam a ter uma boa relação com os outros países.

Na Arábia Saudita, o PIF (Fundo de Investimento Público) é o principal fundo de riqueza soberana do país e, por meio do ministério do esporte, distribui dinheiro para os clubes. "O PIF já controla os quatro maiores clubes da liga local: Al-Ahli e Al-Ittihad, ambos da capital Riad, e Al-Hilal e Al-Nassr, de Jeddah, cidade portuária na costa do Mar Vermelho. Os investimentos vêm não só daí, mas também dos próprios clubes e empresários, o que faz com que a liga saudita ainda seja marcada por grande desigualdade financeira", diz a internacionalista.

De acordo com Ferreira, o governo afirma que o fundo soberano utilizado para investir nos times não faz parte do Estado, ou seja, seria uma entidade privada ou empresa pública que sustentaria o fundo de investimentos para as equipes sauditas. No entanto, na prática, quem lidera e tem quase total controle dos clubes é o governo.

Estrelas na Liga Saudita

Em 2023, o campeonato saudita se tornou o mais rico do mundo ao gastar cerca de R\$2 bilhões em contratações, ao trazer diversos craques mundialmente conhecidos, como Benzema, Kanté, Brozovic, Mendy e Koulibaly. Além de mirar nas estrelas do campo, Neymar e Cristiano Ronaldo, que ganham cerca de 100 e 200 milhões de euros, respectivamente.

Recentemente, mais um nome entrou na lista das equipes sauditas. Vinicius Jr., atacante do Real Madrid, recebeu uma proposta do PIF para se tornar o embaixador do país para a Copa de 2034. A contratação tornaria o brasileiro o jogador mais bem pago do mundo, com um salário astronômico de 1 bilhão de euros. No entanto, o atleta percebeu que teria mais chances de ser o melhor do mundo e ganhar a Bola de Ouro se permanecesse na equipe Merengue.

De Sheik a Dono

Atualmente, são ao menos quatro figuras poderosas do Oriente Médio que dominam o cenário do futebol.



Estrelas da Liga Saudita

Nasser Al-Khelaifi, CEO da Qatar Sports Investments (QSI), fundo de investimento do governo catariense. Ele também é dono do Paris Saint-Germain (PSG), um dos maiores clubes da França, no qual despeja cerca de 7 bilhões de euros.

O xeique Mansour, membro da família real dos Emirados Árabes Unidos, é dono do clube inglês Manchester City e de outras equipes do "Grupo City". Sua fortuna está avaliada em cerca de 25 bilhões de euros. Juntamente com Mansour, o empresário Khaldoon Al Mubarak, também dono do City, é uma das figuras de maior sucesso empresarial no mundo dos esportes.

Completando a lista, o príncipe Mohammed bin Salman, herdeiro da Arábia Saudita, que possui uma fortuna superior a 370 bilhões de euros, sendo um dos homens mais ricos no mundo dos esportes. Ele comprou o time inglês Newcastle United por 300 milhões de libras, usando dinheiro do Fundo de Investimento Público (PIF) da Arábia Saudita.

O príncipe saudita já foi acusado diversas vezes de desrespeitar os direitos humanos e foi criminalizado pela Inteligência dos Estados Unidos por ordenar o assassinato do jornalista Jamal Khashoggi. Além de ser visto como um ditador por alguns veículos de imprensa, como o norte americano The Washington Post e o inglês Middle East Eye.

Os donos de clubes formam o denominado "Grupo City". Ele é composto por Manchester City (ING), New York City (EUA), Melbourne City (AUS), Yokohama Marinos (JP), Montevideo City Torque (UY), Girona (ES), Shenzhen Peng City (CN), Mumbai City (IN), Lommel (BE), Troyes (FR), Palermo (IT) e Bahia (BR). A empresa foi criada para supervisionar e administrar clubes de todo o mundo. No auge do sucesso, entre os proprietários dos times, predominam os países do Oriente Médio.

Elitização dos estádios de futebol dissolve o “carnaval das arquibancadas”

Com todos os preços em alta, de ingressos a camisas, torcedores demonstram insatisfação geral diante do esporte

Por Bruna Domingos, Isabela Fabiana, Thaís Ferreira e Theo Fratucci

O país do futebol e das grandes torcidas tem levantado discussões quanto à estabilidade desse posto, devido, em parte, ao afastamento entre os torcedores e o gramado. A elitização dos estádios de futebol no Brasil tem sido mais evidente nos últimos dez anos, e vai além do aumento no preço do ingresso e do “torcedor raiz” que não consegue mais presenciar seu time jogando com a frequência que gostaria.

Esse esporte que tem como característica ser popular, surgiu inicialmente como uma prática da elite. Aqueles permitidos a se filiar em clubes eram pessoas brancas e ricas que jogavam como amadores, e com isso, por muito tempo o futebol profissional era restrito a certa parcela da população. Apesar de ter sido democratizado ao longo do tempo, atualmente o acesso aos jogos de futebol nos estádios e aos seus produtos têm voltado gradualmente a ser algo limitado a uma parcela da população.

A origem do futebol no Brasil é contada através de Charles Miller, paulista filho de pai escocês e mãe brasileira. Quando tinha 10 anos foi enviado a Inglaterra para os estudos e se viu apaixonado pelo esporte inglês, o futebol. Voltou ao Brasil em 1894, quando mostrou a prática para os outros trabalhadores da São Paulo Railway – Estrada de Ferro Santos-Jundiaí – e por volta da década de 30, quando o esporte foi profissionalizado, passou a adentrar as classes mais populares. Um exemplo é a origem do Sport Club Corinthians Paulista, um time criado por operários em 1910. Apesar do nascimento do futebol no Brasil ser credibilizado a Miller, é questionado já que é uma atividade de fácil prática e em diferentes regiões foi incorporada de distintas maneiras ao mesmo tempo.

Para a prática da bola no gol, a construção de grandes palcos significou a introdução do esporte na sociedade. Estádios como o Pacaembu e Maracanã, inaugurados em 1940 e 1950, respectivamente, refletem o processo de democratização do futebol. O presidente Getúlio Vargas havia iniciado um projeto de apoio nacional aos esportes, que seriam responsáveis por representar a nação ao redor do mundo; a construção do estádio do Pacaembu, idealizado pela Prefeitura de São Paulo em 1936, se viu presente neste grande processo. No Rio de Janeiro, o Estádio do Maracanã nasceu após a visita do então presidente da Federação Internacional do Futebol (FIFA), Jules Rimet, que aceitou a candidatura do Brasil para sediar a Copa do Mundo de 1950, mas para que isso fosse possível, o Brasil precisava de um grande estádio.

O processo de inserção da população no futebol se viu completo durante a ditadura cívico-empresarial militar que assombrou o Brasil por 21 anos. A conquista do tricampeonato mundial serviu como apropriação política para o governo militarizado, que atribuiu a disciplina militar como razão do triunfo da seleção. Junto a isso, algo novo aconteceu no Brasil: a Copa do Mundo de 1970 foi o primeiro mundial transmitido, ao vivo, via satélite pela televisão, contribuindo para o nacionalismo e paixão pelo esporte.

A partir dos anos 90, o futebol passou a ser visto como um esporte lucrativo, o que levou gradualmente à elitização dos estádios. Patrocínios, transmissões e a venda de jogadores foram fatores que contribuíram para o aumento do custo dos ingressos.

Em entrevista ao **Contraponto**, o jornalista Irlan Simões, fundador do Observatório Social do Futebol (Uerj) e especialista em culturas torcedoras e seus embates com o futebol-negócio, explicou sobre o estopim desse fenômeno no Brasil. “Se fala muito dessa elitização a partir das arenas multiuso, porém, não é necessariamente esse o marco de início do processo. Nos anos 90, já se via uma narrativa de que o estádio deveria deixar de ser um ambiente popular”.

Época marcada por brigas violentas nos estádios, a década de 90 foi conturbada para os torcedores, sendo criminalizados pela violência dentro do esporte pelo público com mais poder aquisitivo, jornais, e até mesmo dirigentes dos clubes, que obtinham um discurso elitista e por algumas vezes racista contra os “marginais”, como eram descritos. Tal ideologia somada com a superexposição desses confrontos nas televisões gerou um aumento das brigas entre as torcidas organizadas, fazendo com que episódios lamentáveis ocorressem com frequência nos estádios brasileiros.

A intensificação do processo de elitização no mundo aconteceu após a tragédia de Hillsborough em 1989, na Inglaterra, que matou cerca de 95 torcedores do Liverpool FC e deixou outros 766 feridos. A principal causa do ocorrido foi a superlotação do estádio e seu péssimo estado de conservação. Na época, as terras inglesas viviam o auge do hooliganismo, movimento que legitima a violência para firmar a própria identidade do time, e muitas vezes ocorriam incidentes nas partidas.



© Monivilela

Torcedores da Gaviões da Fiel protestam contra o valor dos ingressos em jogo contra o Coritiba em 2022



© Getty Images

Torcedores prensados nas grades do estádio superlotado

A tragédia em Sheffield foi o estopim para Margaret Thatcher, primeira-ministra inglesa na época, começar um processo de transformação dos estádios ingleses com o relatório Taylor, que recomendava todos os espectadores a permanecerem sentados durante as partidas e obrigou clubes escoceses e ingleses a introduzi-lo. Apesar desse processo parecer uma medida tomada contra a violência no esporte,

na verdade o conceito de “arenização” (transformar em arenas multiuso) está por trás disso, tendo como principal objetivo o lucro, e consequentemente, aumentar o preço do ingresso, desaproximando o “torcedor raiz”.

No Brasil, esse processo chegou com a arenização dos estádios para a Copa do Mundo de 2014. Desde estádios que sofreram reforma, como o Maracanã, a até aqueles que foram construídos exclusivamente para o evento, como o Mané Garrincha, todas as 12 arenas que sediaram a competição são de multiuso, ou ao menos deveriam ser, já que o conceito por trás das arenas multiuso não é seguido à risca no país. “Se imagina um estádio onde você possa fazer diversos tipos de eventos ao longo de uma semana, seja um jogo de futebol, ou um show específico; essa é a ideia da arena: um local que possa servir para muitas finalidades. No Brasil, ou ela serve para um, ou serve para outro.” ressaltou o jornalista após vários ocorridos envolvendo falta de estrutura, fato raro em outros países como os Estados Unidos.

O atual cenário brasileiro no que tange a elitização dos estádios é preocupante, já que desde a adoção do modelo americano, os ingressos aumentaram drasticamente o preço e consequentemente, o público frequentador dos jogos mudou, deixando o torcedor popular de lado. “A parte mais perversa dessa política é quando o torcedor é obrigado a aceitar e admitir para ele mesmo que ele só pode ser um torcedor de sofá, por mais que ele queira ser um torcedor de estádio”, opinou Irlan.

Em 2018, o Palmeiras tinha o ingresso mais caro do país, contrastando com valores mais acessíveis em clubes como o Fortaleza. Além disso, grandes competições, como a Copa América de 2019, tiveram ingressos com preços que ultrapassavam 89% do salário mínimo da época, dificultando o acesso da população de baixa renda. Modelos de sócio-torcedor, como os dos clubes paulistas, aumentam ainda mais essa segregação, com planos que favorecem os torcedores que podem pagar por pacotes mais caros e desfavorecendo os torcedores da camada mais baixa da população.



Mancha Alviverde protestando contra a falta de contratações e assentos populares, em frente à sede do clube em 2023

Consultados pelo **Contraponto**, alguns torcedores compartilharam como têm sentido o impacto da elitização do futebol.

O corinthiano Antônio Furtado, 19, comenta que mesmo pagando o sócio-torcedor, tem se tornado cada vez mais difícil ir aos jogos por conta dos preços. Quando começou a ir ao estádio com frequência, o plano de sócio-torcedor custava R\$15,00 por mês e o ingresso entre R\$70,00 e R\$80,00. Atualmente, o mesmo plano e a entrada custam dez reais mais caros, respectivamente – isso quando ele consegue a compra pelo benefício. “O valor do ingresso tem aumentado, e tem se tornado cada vez mais difícil conseguir pelo sócio-torcedor. O que sobra na maioria das vezes é comprar com cambista, que é mais caro ainda, média de R\$110,00. Com o sócio-torcedor raramente consigo os setores mais populares; quando compro com cambista, qualquer setor é caro”.

Também corinthiana, Sophia Folegatti, 19, diz que frequentemente adultos e crianças ficam em frente a Neo Química Arena pedindo para assistir aos jogos pois não conseguem pagar. “Tem barracas na frente do estádio que o pessoal fica comendo antes do jogo, e sempre vai gente lá pedir algum ingresso que tenha sobrado”.

Torcedor do Esporte Clube Bahia, Eduardo Machado, 21, reforça a questão da mudança do público que frequenta as partidas. “Para mim esse é o maior problema: os times estão tirando do estádio o cara que está lá para poder torcer, que é apaixonado pelo time, e estão começando a vender uma espécie de turismo de futebol. Uma experiência para o cara que às vezes nem torce tanto assim pelo clube, mas quer estar lá.”

Cauã Antunes, 19, sócio da Mancha Verde e liderança do projeto Amici Alvi-verdes, revela que não vai aos jogos do

Palmeiras com frequência: “Estou tram-pando, aí fica osso para ir, CLT 6x1 não consegue ir para os jogos, não. Mas quando estou suave, encosto lá na rua para ver os jogos”. Para ele, a maior diferença está em quem assiste aos jogos dentro do Allianz Parque e quem está na rua do estádio vendo a partida nos bares. “A energia que tem na rua é muito melhor do que a energia que tem no estádio, porque quem faz a festa, que é o povão, que fica para fora”.

Isabella Amorim, 21, conta que no antigo Pacaembu, junto com o pai, já chegaram a pagar R\$20,00 nos jogos em 2018 para ver o verdão jogar. Apesar de atualmente morar no Rio de Janeiro, ainda vai ver o time nos estádios de lá. “Hoje no Allianz o ingresso mais barato está entre R\$150,00 e R\$200,00. No Maracanã nunca passou de R\$40,00; no Engenhão paguei R\$60,00 e foi o mais caro em um jogo da Libertadores.” Isabella complementa que antes mesmo de se mudar para o Rio já tinha parado de frequentar os jogos por conta dos preços. “Antes eu e meu pai íamos com muita frequência, quase todo fim de semana e muitas vezes até nos jogos no meio da semana. Hoje virou coisa de uma vez por mês e, olhe lá, tem que escolher a dedo o jogo que queremos ir”.

Alguns clubes em meio a esse cenário caótico estão tomando medidas a favor da reaproximação do torcedor popular dos estádios, como o Bahia, que em 2023 entrou em um acordo com a maior torcida organizada do clube, a Bamor, para remover os assentos do setor Norte Inferior – onde se localiza a torcida organizada referida. Porém, mesmo com esses respiros do “futebol raiz”, os estádios não são ambientes onde todos podem comparecer, pois ainda assim com essa “deselitização”, os ingressos continuarão caros e impagáveis para muitos que gostam do esporte.



Da glória à maldição: veja a trajetória de técnicos pós seleção brasileira

Treinadores demitidos a partir de 2002 amargam carreiras difíceis após a passagem pela equipe canarina

Por Fernando Amaral, Gabriel Flores, João Bueno e Pedro Banhara

O cobiçado cargo de técnico da seleção brasileira deveria significar o início do auge de uma carreira de treinador, mas para muitos, até os campeonatos, foi o início do declínio. Desde a conquista da Copa do Mundo de 2002 até a edição de 2022, o Brasil teve em seu comando cinco treinadores: Carlos Alberto Parreira (2003-2006), Carlos Caetano Bledorn Verri, conhecido como Dunga (2006-2010, 2015-2016), Mano Menezes (2010-2012), Luiz Felipe Scolari, o Felipão (2012-2014) e Adenor Leonardo Bacchi, também conhecido como Tite (2016-2022). Porém, nenhum deles conseguiu se firmar no cenário nacional e mundial com uma carreira de sucesso.

Dos cinco treinadores, quatro são gaúchos, todos oriundos da mesma escola

de futebol. Somente Parreira não nasceu no Rio Grande do Sul. O jornalista Sérgio Xavier, comentarista do SporTV e da Rede Globo, não acredita que esse fato seja coincidência. “De uma maneira não estruturada, surgiu mesmo uma ‘escola gaúcha’ de treinadores. É curioso, porque não existia um curso, um fórum, foi mais a questão do exemplo. Um grande técnico estimulou outros a seguirem o mesmo caminho e o fenômeno se deu”, diz Sérgio.

Xavier ainda analisa a dificuldade que esses treinadores enfrentam pode estar relacionada a um paradoxo e a perda de espaço, não só de treinadores gaúchos, mas dos brasileiros em geral para técnicos estrangeiros, como portugueses e argentinos. “A escola gaúcha não era formal, acadêmica, como é, por exemplo, a escola

portuguesa de treinadores, que formou nomes como Abel Ferreira e Jorge Jesus. O cursinho da CBF [Confederação Brasileira de Futebol] está muito atrás do da AFA [Associação do Futebol Argentino] e dos portugueses”, opina.

Walter Feldman, ex-secretário geral da CBF (2015-2021), em entrevista ao **Contraponto** apontou que os processos de contratação e demissão correspondem exclusivamente ao presidente da instituição que detém absoluto poder em suas decisões, o que pode estar relacionado com contratações feitas com pouco planejamento como no período pós Tite, ou à volta dos campeões do tetra Dunga e Parreira para as copas de 2010 e 2006, respectivamente, como forma de tentar reconquistar a torcida através de ídolos vencedores.

O desempenho de cada treinador

Carlos Alberto Parreira (2003-2006)

A copa de 2006 foi uma das maiores decepções da seleção brasileira na história. Carlos Alberto Parreira, campeão do tetra em 1994, junto a Mário Jorge Lobo Zagallo, anunciado como coordenador técnico em 2003, tinham esperança de dar continuidade ao trabalho de Luiz Felipe Scolari, pentacampeão em 2002.

A formação do “Quarteto Mágico” com Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo Fenômeno, Kaká e Adriano Imperador, criou esperanças do bicampeonato na torcida. A qualidade do elenco e as conquistas da Copa América de 2004 e da Copa das Confederações de 2005, ambas vencendo a Argentina na final, geraram expectativas para o ano seguinte. Apesar do otimismo, a realidade foi decepcionante. O Brasil caiu nas quartas de final da Copa de 2006 para França, por 1 a 0, com gol de Thierry Henry, e voltou para casa mais cedo.

Parreira saiu da seleção logo após a Copa do Mundo, com a derrota destacada pela condição física e erros de planejamento. O técnico foi apontado como o principal culpado pela acomodação dos jogadores.

Após este cargo, o treinador não se manteve por mais de uma temporada em nenhuma equipe, passando pela seleção sul-africana em duas oportunidades: de 2007 até 2008 e de 2009 até a Copa de 2010, na qual a seleção foi anfitriã. Entre os dois trabalhos, o treinador comandou o Fluminense, de março a julho de 2009, quase levando o time ao rebaixamento.



© Gazeta Press

Em 1994, Parreira precisou superar a desconfiança da torcida e a pressão da mídia sob a equipe que montou em busca do tetracampeonato

Dunga (2006-2010 e 2014-2016)

Após a derrota na Copa do Mundo de 2006, Ricardo Teixeira, presidente da CBF na época, contratou Dunga, campeão do mundo em 94, para reacender o espírito patriótico na seleção. Sem experiência como técnico, Dunga tinha a missão de recolocar o Brasil no caminho das vitórias. Em sua primeira passagem, conquistou a Copa América de 2007 e a Copa das Confederações de 2009. No entanto, mesmo com o favoritismo na Copa de 2010, o Brasil foi eliminado pela Holanda nas quartas de final, o que resultou na saída do técnico. A decisão foi também influenciada pelo isolamento que ele impôs aos jogadores e pela relação conflituosa com a imprensa.

Dois anos após a demissão na CBF, Dunga assumiu o comando técnico do SC Internacional, em dezembro de 2012, porém não conseguiu se firmar. Sua passagem começou com o título do Campeonato Gaúcho de 2013, sendo esse o primeiro por um clube em sua carreira. O resto do ano foi marcado por desavenças com a diretoria e mais uma vez com a imprensa. Todas as intrigas e o mau desempenho, com aproveitamento de 48%, fizeram Dunga ser demitido do cargo.

A grande reviravolta da carreira do técnico seria mais uma chance no comando da seleção brasileira. Após a derrota histórica na Copa do Mundo de 2014, por 7 a 1 para a Alemanha, Luiz Felipe Scolari deixou o cargo de treinador do Brasil. A sólida relação de Dunga com o então coordenador de seleções da CBF, Gilmar Rinaldi, foi decisiva para a escolha.

Apesar de contestado, o início do trabalho chegou a empolgar. A seleção engatou 11 vitórias seguidas nos primeiros jogos. Porém, na Copa América de 2015, o Brasil foi eliminado nas quartas de final para o Paraguai, e logo em seguida, em 2016, na Copa América Centenário, a seleção caiu na fase



Dunga como técnico da seleção

© Valterci Santos/Agência de Notícias Gazeta do Povo

de grupos, fato que não acontecia desde 1987. Após seis jogos das Eliminatórias para a Copa, o Brasil era apenas o sexto colocado, posição que não daria direito nem mesmo a um lugar na repescagem. Mais uma vez, o Brasil de Dunga decepcionava e o treinador era deposto do cargo. Depois da segunda passagem pela amarelinha, o gaúcho não assumiu mais nenhum trabalho como técnico.

Mano Menezes (2010-2012)

Mano Menezes deixou o Corinthians, campeão da Copa do Brasil de 2009, para assumir a seleção, em julho de 2010, após a eliminação do Brasil nas quartas de finais da Copa do Mundo na África do Sul. O técnico teve a missão de renovar a seleção brasileira, em busca do hexa em casa. Mano deu oportunidade a nomes como Neymar, Lucas Moura e Oscar.

Com um elenco novo, os dois primeiros anos de trabalho foram ruins, perdendo a Copa América de 2011, nas quartas para o Paraguai, e as Olimpíadas de 2012, para o México na final. Após eliminações e resultados negativos em amistosos, a CBF decidiu demitir Mano Menezes em 23 de novembro de 2012. Na época, houve rumores que a saída do treinador era por questões políticas e não técnicas, inclusive o então diretor de seleções, Andrés Sanches, foi contra a decisão. No comando do Brasil foram 25 partidas, com 15 vitórias, quatro empates e seis derrotas.

Após a seleção, o técnico assumiu o Flamengo, em 2013, porém em apenas três meses de trabalho, pediu demissão. Já em 2016, Mano comandou rapidamente a equipe chinesa Shandong Luneng e no meio do ano iniciou o trabalho mais vencedor de sua carreira, em sua segunda passagem pelo Cruzeiro, que já havia treinado por três meses em 2015. O técnico foi Bicampeão Mineiro e da Copa do Brasil, saindo do clube em 2018. No Palmeiras em 2019, no Internacional em 2022/23 e no Corinthians em 2023/24, não teve tanto sucesso. Mano também comandou o Fluminense na briga contra o rebaixamento no Campeonato Brasileiro de 2024.

Luiz Felipe Scolari (2012-2014)

Luiz Felipe Scolari chega à frente da seleção com pouco tempo para reestruturá-la para a Copa do Mundo de 2014, que seria em casa. Após a frustração nas duas edições anteriores e o trabalho mal avaliado de Mano Menezes, a volta de Felipão como técnico do penta era uma esperança, assim como quando Parreira assumiu ao voltar ao comando da seleção em 2006. Scolari chegou à seleção depois de comandar o Palmeiras em 2012, que não fazia uma boa campanha no Brasileirão, no qual foi rebaixado no mesmo ano.

A expectativa para 2014 era grande, a recuperação aparentava estar se construindo com o título da Copa das Confederações em 2013 em cima da Espanha, na época campeã do mundo. Porém na Copa a história foi outra, com o Brasil passando um vexame histórico, em casa, perdendo de 7 a 1 para a Alemanha, que seria campeã daquela edição. Depois da vergonha, as críticas foram além do comum sobre os jogadores e o treinador. Todos os envolvidos do lado brasileiro, inclusive Felipão, tiveram a carreira marcada por aquela partida.



Mano durante treino da seleção

© Arquivo CBF

Após 2014, o treinador comandou seis clubes, sendo eles: Grêmio (2014-2015), Guangzhou FC (2015-2017), Palmeiras (2018-2019), Cruzeiro (2020), Athletico Paranaense (2022) e Atlético Mineiro (2023-2024). Dentre esses trabalhos, Felipão conquistou títulos relevantes uma vez no Palmeiras, em 2018, ganhando o Campeonato Brasileiro.

Tite (2016-2022)

Adenor Leonardo Bachi, conhecido como Tite, foi o mais recente técnico a ser demitido da seleção brasileira. Ele comandou o Brasil de 22 de agosto de 2016, quando fez sua primeira convocação, até o dia 9 de dezembro de 2022.

O técnico assumiu a equipe em meio a uma crise nas Eliminatórias para a Copa de 2018, na qual o time estava na sexta colocação. Sob seu comando, o Brasil liderou a classificação sul-americana. Apesar da ótima classificatória, foi eliminado nas quartas de final do Mundial de 2018, por 2 a 1, para a Bélgica.

O ciclo para a Copa no Catar não foi diferente do anterior. Mais uma vez a seleção fez uma excelente classificatória, liderando de forma invicta. Outra competição conquistada por Tite durante esse período foi a Copa América de 2019, sediada no Brasil. A equipe não teve derrotas e venceu o Peru por 3 a 1 na final.

Apesar de favorito para ganhar, o resultado em 2022 foi bem diferente.

A equipe teve novamente o sonho do hexa interrompido nas quartas de final. A seleção empatou com a Croácia por 1 a 1, mas foi eliminada nos pênaltis por 4 a 2. Após a eliminação, o treinador anunciou sua saída, reafirmando que já havia planejado isso independentemente do resultado.

Após deixar a seleção, Tite assumiu o Flamengo em outubro de 2023. O ano de 2024 começou com a conquista do Campeonato Carioca, no entanto os problemas surgiram ao longo do Brasileirão e da Copa Libertadores. O time apresentou inconsistências, com bons e maus momentos. Na Libertadores, foi eliminado nas quartas pelo Peñarol (URU), sem marcar um gol sequer no confronto, o que culminou na demissão do técnico. Além disso, no Brasileirão, o time oscilou, perdendo para adversários da parte de baixo da tabela, como na derrota contra o Juventude por 2 a 1, na 12ª rodada. Também é verdade que Tite enfrentou uma sequência de lesões de jogadores importantes como Pedro e Everton Ceboliha, o que dificultou a manutenção de um padrão de jogo.



Tite durante a partida entre Brasil e Croácia, nas quartas de final da Copa do Mundo de 2022

© Matthew Childs

Dorival Júnior (atual técnico)

O nome da vez é o de Dorival Júnior. O treinador assumiu o comando da seleção brasileira em 8 de janeiro de 2024, cerca de três meses após conquistar o título inédito da Copa do Brasil para o São Paulo, seu último trabalho, em 2023. O clima é de dúvida sobre o trabalho, já que a seleção foi eliminada nas quartas de final da Copa América, em 2024, e não apresenta uma constância de resultados e atuações. A próxima Copa do Mundo acontecerá em 2026, nos Estados Unidos, Canadá e México e paira no ar se Dorival Júnior chegará à glória, conquistando o hexacampeonato, ou terá o mesmo destino de seus antecessores.



Dorival é muito cobrado pelo desempenho mediano da equipe desde sua estreia no comando

© Getty Images

© Ueslei Marcelino



Felipão durante as quartas de finais da Copa do Mundo de 2014, no Brasil

Homeless World Cup abre novos caminhos para pessoas em situação de vulnerabilidade

“Ganhar é virar o jogo!” é o lema que embala o sonho dos jovens atendidos pelo Futebol Social no Brasil, visando seu espaço no torneio mundial



Edição da Homeless World Cup
Melbourne em 2008

© Reprodução: Site Oficial Homeless World Cup

contar com oito jogadores em seu elenco, formando um time inteiramente masculino, feminino ou até mesmo misto. A competição também traz regras curiosas, como o cartão azul, que serve para expulsar um determinado jogador por dois minutos, e após o tempo suspensivo acabar, outro jogador pode entrar em seu lugar. Além disso, atletas de linha não podem adentrar a área do goleiro durante a partida, podendo gerar uma falta ou até mesmo um pênalti para o adversário.

Por Barbara Ferreira, Cecília Leite e Felipe Oliveira

Aconteceu em setembro de 2024 em Seul, capital da Coreia do Sul, a 19ª edição da *Homeless World Cup*, a Copa do Mundo dos Sem-Teto, torneio anual de futebol realizado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), que reúne equipes formadas por pessoas em situação de vulnerabilidade de todo o mundo. Contando com mais de 50 países nesta edição, o campeonato oferece não apenas um ambiente de competição, mas também de empoderamento pessoal, integração social e oportunidades. “O futebol pode sim mudar vidas, e por trás dele há várias pessoas com histórias lindas”, afirma Anna Carolina, 18 anos, jogadora da seleção brasileira de 2024.

Criado em 2001 por Mel Young e Harald Schmied, o torneio realizou sua primeira edição em 2003 em Graz, na Áustria, e desde então percorreu diversas cidades ao redor do mundo, como Paris, na França, Cidade do Cabo, capital da África do Sul, e Rio de Janeiro. Apesar das duas décadas de realização, a competição ganhou maior visibilidade na mídia somente este ano, após o lançamento do filme “Jogo Bonito” na Netflix.

No longa-metragem, Vinny (Michael Ward), ex-jogador do West Ham, é convocado pelo técnico Mal (Bill Nighy) para representar a seleção inglesa na *Homeless World Cup*. O atleta, que enfrenta dificuldades em sua vida pessoal, precisa deixar seu passado de lado e aprender a trabalhar em equipe.

A competição incorpora as regras do *street soccer*, com dois tempos de sete minutos, jogados por três atletas na linha e um defendendo o gol. Cada seleção pode

Inclusão social

A proposta da Copa é incentivar a autoestima, a confiança e a esperança nas pessoas que enfrentam a exclusão social, por meio de uma plataforma para interagir, competir e, muitas vezes, redefinir seus caminhos de vida.

Cada país tem sua própria seleção formada por pessoas em situação de vulnerabilidade, que tem a oportunidade de participar uma única vez do campeonato. “Algo que me marcou na Homeless Cup foram as amizades que fizemos com quase todas as equipes com quem jogamos. Ao final das partidas, todos se abraçavam e mesmo não entendendo uns a língua dos outros, usávamos o tradutor do celular para nos comunicar”, afirma Andrew Vitor, 20 anos, jogador da Seleção Brasileira de 2024.

Anna Carolina conta que na Copa todos são tratados da mesma forma – como atletas profissionais de futebol – sem distinção de gênero ou idade. Ela afirma que isso é muito importante por se tratar de pessoas que não tiveram muitas oportunidades na vida e que passaram por dificuldades, mas mesmo assim estão naquele momento felizes jogando bola, o que mais amam fazer. “Talvez ali tenha pessoas que já pudessem ter desistido do sonho de jogar futebol, e que agora estão defendendo a seleção do seu país. É um sentimento de inclusão”, completa.

Apaixonada por futebol desde a infância, a atleta não encontrava espaço para jogar. Quando surgiu sua primeira oportunidade, integrou um grupo inteiramente masculino durante nove anos devido a falta de times femininos nas escolinhas. Ela afirma que campeonatos como a *Homeless World Cup*, na qual mulheres talentosas têm igual espaço para jogar, reforçam a importância do

investimento no futebol feminino, ainda muito desvalorizado.

Ainda sobre a relação com o esporte, Guilherme Lopes, 18 anos, goleiro da Seleção Brasileira de 2024, relata: “O futebol me proporcionou várias coisas boas, como amizades duradouras, a disciplina necessária para enfrentar desafios e a oportunidade de sonhar com um futuro melhor. Além disso, ele me ensinou a importância do trabalho em equipe e da perseverança, moldando minha personalidade e me ajudando a superar dificuldades”.

Novas conquistas

A Seleção Brasileira, tricampeã da competição (2010, 2013 e 2017), é promovida pela rede Futebol Social, que conecta jovens e comunidades de todo o país, motivando-os e fortalecendo-os. Compõem a rede projetos sociais e movimentos comunitários ativos em favelas, periferias, comunidades quilombolas e ribeirinhas, entre outros conjuntos e regiões socialmente excluídos. Participam jovens de 16 a 20 anos, que vivem em situação precária de moradia (ou sem moradia), sob risco social e sem condições plenas de desenvolvimento.

“Foi muito emocionante fazer um gol na final. Naquele momento nem acreditei que eu estava na Coreia do Sul jogando bola. O futebol é uma ferramenta de inclusão para homens e mulheres, e sabemos que algumas pessoas que também sonham em participar de um campeonato como esse se inspiram na gente”, destaca Andrew.

Com o lema “Futebol Social: ganhar é virar o jogo!”, a rede realiza atividades, eventos e torneios locais em diversas cidades brasileiras, em conjunto com outras ações comunitárias e de cidadania, tendo como principal resultado a convocação dos atletas destaque para participarem da *Homeless World Cup*. A organização acredita no esporte não apenas como entretenimento e lazer para os jovens, mas também como uma poderosa ferramenta na luta contra a pobreza e a violência do cotidiano em que estão inseridos.

Em Seul 2024, após vencer a disputa da repescagem, a seleção brasileira pôde levantar uma das taças da competição e sair vitoriosa, ainda que em nono lugar na classificação geral. “A sensação de conquista compartilhada fortaleceu ainda mais nossa amizade. Esse título não foi apenas uma conquista no futebol, foi um reconhecimento do nosso esforço e da perseverança que demonstramos ao longo do caminho. Essa experiência ficará gravada para sempre na minha memória!”, conclui Guilherme.

Avanços da Inteligência Artificial impactam o meio artístico

Entenda os diferenciais da IA Generativa e as principais discussões de seus impactos no campo das artes

Por Emily de Matos, Luis Henrique Oliveira, Maria Clara Aoki

A Inteligência Artificial (IA) faz parte do cotidiano de diversas pessoas, e os números só aumentam desde o lançamento do ChatGPT em 2022. Inovações como a Alexa, Siri, e Google Assistant, que são utilizadas para entender e responder comandos de voz, ajudam usuários a realizar uma série de tarefas.

No âmbito artístico, a IA é usada para a criação de imagens, produções musicais e edição de filmes. Entretanto, sua introdução ao mercado ainda está em debate quanto ao uso da ferramenta, se, por ser operada por sistemas automatizados, pode realmente ser considerada uma forma de arte.

Essa popularização se dá principalmente pelos avanços da IA Generativa, que se diferencia de sua precedente, mas ambas continuam vigentes com capacidades e propósitos distintos. “A inteligência artificial precedente pode ser chamada de classificatória e preditiva. Seus algoritmos, alimentados por lógicas estatísticas e probabilísticas, reconhecem dados, padrões, imagens, textos e outras realidades mais”, diz Lucia Santaella, uma das mais proeminentes estudiosas brasileiras no campo da comunicação, semiótica e cibercultura.

Embora a IA generativa também seja gerida por probabilidades estatísticas, ela se desenvolveu graças à ampliação dos grandes modelos de linguagem e de uma rede neural chamada *Transformer*.

“Ela é ainda mais disruptiva do que a IA classificatória porque ganhou a capacidade de criar. Ela não só reconhece textos e imagens, mas os cria, à maneira dos humanos”, afirma Santaella. “Poderia haver algo mais perturbador do que isso? Uma máquina, portanto, não humana, capaz de escrever, agora também de falar e de produzir imagens bastando para isso um comando humano que a acione?”, ela questiona.

É daí que surge o medo das IAs substituírem o trabalho humano. A discussão vem sendo levantada principalmente no campo artístico desde o surgimento da ferramenta e foi um dos pontos que resultaram na greve dos roteiristas em Hollywood. Esse episódio teve como

foco a proteção contra o uso da inteligência artificial e durou 148 dias até que o Sindicato dos Roteiristas (WGA, na sigla em inglês) fechou um acordo com os representantes dos estúdios que formam a Aliança dos Produtores de Cinema e Televisão (AMPTP, na sigla em inglês).

O acordo estabelece um sistema de bônus aos roteiristas com base na audiência em serviços de *streaming*, um número mínimo de pessoas para as salas de roteiristas de TV, e a regulamentação do uso de inteligência artificial pelos estúdios. Ou seja, as produtoras devem informar aos roteiristas se os materiais fornecidos a eles foram parcialmente ou não foram gerados por IA.

“Vivemos em uma realidade capitalista de *copyright* e de *royalties*. Diante disso, um dos grandes problemas é como defender os seus direitos de autor em meio à enxurrada de imagens e de vídeos que entram e saem da máquina”, comenta Santaella, que reforça os direitos de autor como uns dos mais importantes temas a discutir sobre IA.

O uso de inteligência artificial como uma manifestação da arte é um divisor de águas entre os artistas. Ao entender que ela apenas gera conteúdo a partir de reproduções, não é fabricado, algo único. Um exemplo é o caso da edição de *Frankenstein* que concorreu à categoria “Ilustração” do Prêmio Jabuti, em 2023. A capa foi desclassificada quando os jurados descobriram que as artes foram feitas inteiramente pelo *Midjourney*, uma plataforma de IA. Em entrevista para o jornal *Agência Brasil*, Vicente Pessoa, autor das artes, expressa se sentir vitorioso mesmo com a desclassificação. “A glória do artista é ser incompreendido e louvado depois da morte”, explica o designer. “É o principal prêmio de literatura do Brasil, e as pessoas só estão falando das nossas ilustrações. A melhor coisa que poderia ter acontecido foi essa desclassificação”.



Capa de *Frankenstein*, de Mary Shelley, edição ilustrada por inteligência artificial



Integrantes do grupo Aespa junto com sua versão virtual para o clipe de “Next Level”

Esse ano, na indústria musical, mais de 200 artistas, como Billie Eilish e Stevie Wonder, assinaram um documento pedindo proteção contra a IA. “Temos que nos proteger do uso predatório da IA ao roubar vozes e retratos de artistas profissionais, violar os direitos dos criadores e destruir o ecossistema musical”, descreve a organização Artist Rights Alliance (ARA) em carta. O texto foi escrito após meses de alertas sobre como o crescimento desmedido da inteligência artificial poderia prejudicar a legislação de direitos autorais, além de facilitar fraudes e o roubo de criações artísticas.

No Oriente, existe uma ascensão do uso da IA no mundo do K-Pop. Um dos principais exemplos é o grupo Aespa, formado por quatro artistas – Giselle, Ningning, Karina e Winter –, que também têm suas representações no metaverso. Em 2020, a SM Entertainment juntou as quatro, um mundo virtual e músicas dançantes. No ambiente do ‘æ’, que apresenta o single ‘Black Mamba’, elas se metamorfoseiam em heroínas tanto reais quanto virtuais, conectando-se por um aplicativo chamado ‘SYNK’.

Já a cantora canadense Grimes, renomada por sua abordagem musical inovadora e estética futurista, tem se destacado por suas obras criativas e por suas opiniões sobre tecnologia e inteligência artificial. Ela propôs que a IA poderia servir como uma parceira na criação, fornecendo ideias que aprimorassem o processo artístico. Essa perspectiva demonstra um otimismo em relação à tecnologia, contrastando o receio que muitos artistas têm sobre a substituição do trabalho humano. “Desejo um mundo em que possamos criar juntos, homens e máquinas”, afirmou Grimes durante uma conversa no festival SXSW, em 2023.

“Come to Brazil”: artistas internacionais movimentam entretenimento brasileiro

Associação Brasileira dos Promotores de Eventos (Abrape) diz que setor teve crescimento acumulado de quase 50% em 2023

Por Khauan Wood, João Palhares, Nathalia de Moura e Nicolás Beneton

Nos últimos meses, o Brasil tem se tornado palco de uma grande leva de shows e festivais de música. Desde *Rock In Rio* e *Lollapalooza* até shows para um público mais específico em estádios, os fãs brasileiros lotam todos os setores disponíveis nos espetáculos. O grande ponto a ser destacado sobre esses eventos é que a grande maioria deles é focado em artistas internacionais.

A partir disso, é preciso compreender algumas questões, como o engajamento do público, a demanda desses shows e até uma possível saturação dos eventos pela quantidade que somam atualmente.

Para o jornalista musical e influenciador Matheus Izzo, a pandemia foi um fator importante para que os brasileiros peçam tanto pela vinda de seus ídolos e conta sobre a necessidade do cuidado das produtoras com o público.

Amor de fã

O fã brasileiro tem a fama de ser caloroso e receptivo com grande parte dos artistas que vêm de fora para se apresentarem no país. Para Izzo, a cultura do fã ficou ainda mais forte pelo mundo graças aos sul-americanos. Além dos brasileiros, o jornalista também traz como exemplo os argentinos. “Essa tendência de tornar a relação com a arte algo um pouco além do ‘gostar’ vem muito da paixão dos públicos daqui [da América do Sul]”, descreve.

Cantores como Bruno Mars que, após ter se apresentado por dois dias em São

Paulo, no festival *The Town*, em 2023, voltou este ano com quatorze shows pelo Brasil. Outro exemplo é a banda britânica Coldplay, que além de marcar presença no *Rock In Rio* em 2022, voltou no ano seguinte com onze shows nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba.

Apesar da boa fama do público brasileiro, o rapper canadense Drake teve passagens tumultuosas pelo país. Em 2022, ele cancelou sua participação no festival *Lollapalooza* horas antes do show por “motivos pessoais”, porém foi flagrado em uma boate de Miami no mesmo dia. Durante seu show no *Rock In Rio*, em 2019, o canadense ignorou pedidos dos fãs e impediu a transmissão ao vivo da TV Globo e do canal Multishow.

Os gastos por trás dos shows

Uma pesquisa realizada pelo Serasa em parceria com o instituto Opinion Box, que entrevistou 1.398 pessoas em março de 2024, mostrou uma radiografia financeira dos brasileiros em festivais musicais. Enquanto, pelo menos uma vez ao ano, 27% se programam para ir a shows internacionais, 56% dos consumidores sempre se planejam com antecedência, e 46% ainda costumam poupar ou investir algum

dinheiro para destinar a esses gastos. Porém, seis em cada dez pessoas têm o costume de comprar ingressos menos de um mês antes do show.

Cerca de sete em cada dez entrevistados falaram que o valor máximo pago para assistir a um show foi de até R\$300. Da mesma forma, outros 70% afirmaram que não pagariam mais do que isso por um ingresso. Quando perguntados sobre formas de pagamento, 48% dos fãs recorrem ao cartão de crédito e 59% buscam opções de parcelamento sem juros. Também alegaram que gastam, em média, R\$200 com alimentação e bebidas durante os shows. Caso envolva deslocamento, hospedagem e gasolina fora do show, o gasto pode alcançar a média de R\$1000 por pessoa.

Um hiato forçado

Com o costume de presenciar seus ídolos ao vivo em grandes espetáculos, os brasileiros sentiram falta desse momento com a chegada da pandemia da Covid-19, que além do isolamento social e da preocupação, trouxe consigo o adiamento e cancelamento de shows e eventos.

O levantamento “O que o Brasil ouviu”, feito pelo Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad) com dados coletados entre 2019 e 2021, mostra que no primeiro trimestre de 2020 a quantidade de eventos e shows no Brasil chegava a 15 mil, uma queda de mais de 80% comparada a 2019, que contou com 83 mil espetáculos no país todo. Vale ressaltar que os shows de 2020 ocorreram antes das restrições para impedir o avanço da Covid-19 começarem.

© Marcelo Endelli/Getty Images

Taylor Swift foi uma das cantoras a adiar seus shows no Brasil por causa da pandemia, em 2020

© Khauan Wood

Bruno Mars abriu cerca de seis datas extras de seus shows por conta da grande demanda

A organização dos eventos

A organização de grandes eventos passa por diversos processos até os dias de sua realização, com a geração de milhares de empregos diretos e indiretos, número que chegou a cerca de 19,4 mil em 2023, de acordo com estudo realizado pela Associação Brasileira dos Promotores de Eventos (ABRAPE).

Em entrevista à revista Exame em março deste ano, Jorge Reis, CEO da Eventim, empresa organizadora de grandes eventos, afirma que “o Brasil provou ter uma relevância enorme no mercado de música ao vivo no mundo”.

Na visão de Izzo, por sua vez, as organizadoras poderiam ter uma estrutura melhor para os fãs, principalmente pelo alto valor cobrado nas taxas de serviço. Isso inclui o oferecimento gratuito de água nos shows, conforme leis aprovadas recentemente nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, além de locais cobertos ou distribuição de capas de chuva em dias de tempestade. O jornalista musical completa dizendo que as taxas de serviço são “incabíveis” e que shows internacionais no Brasil são para a minoria das pessoas.

Em contraponto a isso, Izzo elogia a nova organização de venda dos ingressos que passaram a ser vendidos quase em sua totalidade de forma online. De acordo com um levantamento do portal de notícias InfoMoney, a Eventim, empresa alemã do mercado de lazer e eventos com grande atuação no Brasil, acumula quase dois milhões de acessos mensais em seu site e vende em torno de seis milhões de ingressos por ano em nosso país.

Entretanto, muitos brasileiros esbarram no alto preço dos ingressos para assistir aos artistas internacionais. Entradas para os shows de Bruno Mars, no Rio de Janeiro, chegaram à máxima de R\$1.250, por exemplo. A título de comparação, a performance do cantor Ney Matogrosso, na mesma cidade, teve seu ingresso mais caro vendido a R\$480, ou seja, 40% mais barato.

Uma solução possível para isso foi promovida pela Prefeitura do Rio de Janeiro, junto ao governo do Estado, no início deste ano. O show de encerramento da *The Celebration Tour*, turnê da cantora pop Madonna, foi promovido de forma gratuita na Praia de Copacabana e reuniu quase dois milhões de pessoas.



© Adriano Vizoni/Folhapress

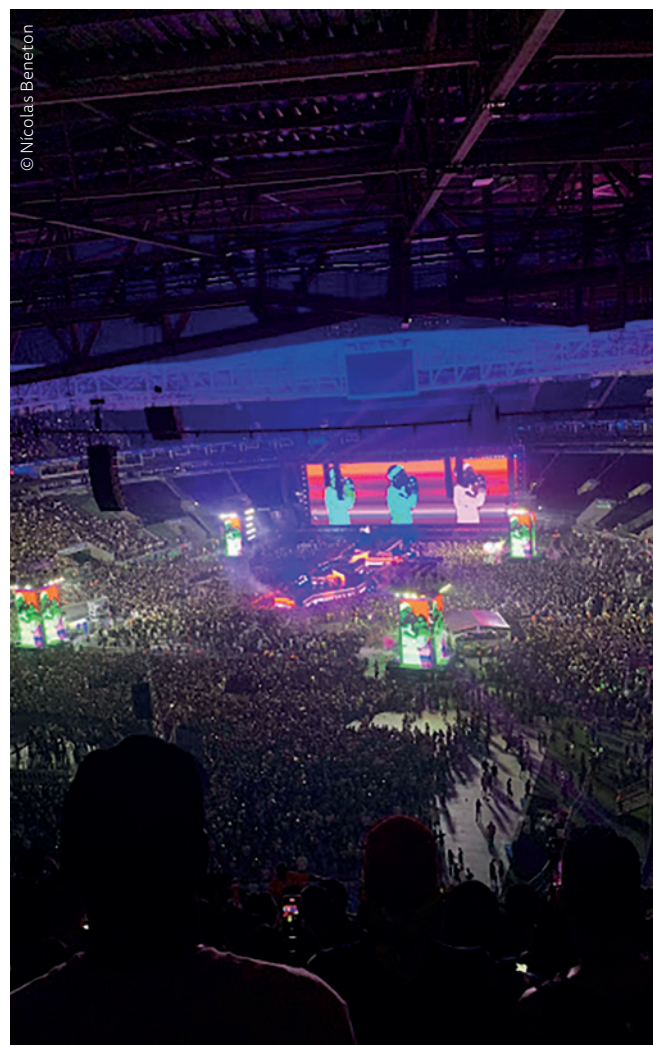
O show de Madonna na praia de Copacabana reuniu cerca de dois milhões de fãs para ver a cantora

Da nostalgia à juventude

Tanto em festivais quanto em shows individuais, produtoras procuram agradar a todos os gostos. Com a vinda de nomes do momento como Travis Scott, Taylor Swift e The Weeknd, além de artistas e bandas que voltaram a subir aos palcos brasileiros depois de quase uma década, como Mariah Carey, Linkin Park e Jonas Brothers, as atrações nacionais e internacionais valorizam os fãs de todas as idades. “Acho que hoje existem dois públicos majoritários nos shows gringos, os que estão vivendo a nostalgia e a molecada”, Izzo ressalta.

Com o maior número de shows, é possível já haver uma certa saturação por parte do público e maior escassez no mercado, no qual há oportunidades, mas o interesse não vem na mesma proporção. “Tudo que temos muito, queremos pouco. A questão é que, no Brasil, show grande sempre vai lotar”, conclui Izzo.

Moradores dos arredores do Allianz Parque relataram tremores causados pelo show de Travis Scott



© Nicolas Beneton

A Brasilândia luta contra a invisibilidade da arte periférica

As expressões culturais no distrito duelam contra os desafios estruturais e sociais em busca de reconhecimento

Por Amanda Campos, Gabriela Blanco e Lorena Basília

Em meio ao rápido crescimento urbano na zona norte da capital paulista, não houve espaço físico para a manifestação cultural, assim como em outros conjuntos periféricos no distrito. Enquanto a arte ainda cresce nas favelas, locais que deveriam ensinar e desenvolver as habilidades criativas são localizados em regiões centrais. A Fábrica de Cultura da Brasilândia é uma iniciativa que traz a questão social, econômica e racial em pauta para o investimento do espaço. “A cultura é importante para que eles enxerguem novas possibilidades”, afirma um dos professores da iniciativa.

Em entrevista exclusiva para o **Contraponto**, Manoel Agostinho da Cruz comenta sobre o desenvolvimento da região da Brasilândia, enquanto Gustavo Arantes e Reis destaca sobre as oportunidades que a arte traz para as pessoas de baixa renda.

O processo de urbanização na Brasilândia

As grandes fazendas cafeeira e açucareira paulistas, em um período de alta lucratividade nas exportações dos produtos, impulsionaram um processo de urbanização no estado. As regiões onde se concentrava o poder aquisitivo, tiveram muito mais investimento de elementos urbanos do que as demais.

Todavia, a urbanização na zona norte da capital sofria de algumas outras implicações: sua formação geográfica irregular e montanhosa impossibilitava o acompanhamento do crescimento da futura grande metrópole. Além disso, era mais interessante para os donos daquelas terras que se mantivesse uma zona rural, a fim de manter suas indústrias agrícolas.

A Brasilândia, caracterizada como uma zona de expansão urbana sobre a Serra da Cantareira, se originou por um desmembramento em uma dessas propriedades de agricultura açucareira. Homenageado pelo nome, o comerciante Brasília Simões foi o responsável por chefiar a construção da Igreja Santo Antônio, onde antes havia uma antiga capela. Foi o ponto de partida para que os lotes fossem ocupados por residências urbanizadas. Na década de 1930, inevitavelmente, os sítios e chácaras se tornaram pequenos núcleos urbanos.

Na mesma década, fatores marcantes fizeram da Brasilândia um destino para muitas famílias. Em dimensão nacional, a promessa de melhores condições de vida influenciou no aumento de um fluxo



Pedreira Vega, atual Pedreira Morro Grande, Brasilândia – SP, em 1946

migratório nordestino para São Paulo, que fugiam da extrema seca. Então, o distrito recebeu cerca de 90 mil pessoas em um curto período.

Os primeiros loteamentos do bairro foram comprados por imigrantes italianos, portugueses, espanhóis e japoneses. Que chegavam na região para recomeçar a vida pós Segunda Guerra Mundial. Para quem buscava por emprego e moradia, a pedreira Vega era a oportunidade esperada.

A sede se fixou na região em 1939 e foi desativada gradualmente nos anos 80, dando lugar ao reservatório de água da Sabesp. A chegada de indivíduos de diferentes destinos, não só expandiu a população local, mas também influenciou na identidade cultural que estava sendo construída no distrito.

A precarização da infraestrutura não foi solucionada, mas a situação não foi um empecilho para o povoamento da Brasilândia. Os lotes com baixos preços e a doação de tijolos impulsionaram o crescimento populacional. As ocupações irregulares, presentes até hoje, iniciaram nesse período. As famílias sem condição financeira para se manterem no centro de São Paulo, precisavam se realocar para essas regiões mais baratas.

Hoje, a Brasilândia conta com 41 bairros da zona norte de São Paulo, sendo considerado o 8º maior distrito, com cerca de 260 mil habitantes, segundo o IBGE de 2010.

Manoel Agostinho da Cruz foi um dos primeiros moradores do bairro Parque Tietê. Ele conta que chegou na região em 1952 e que, na época, a Brasilândia se tratava de uma zona rural, com cerca de 32 famílias.

Marcolino Agostinho da Cruz (irmão mais novo de Manoel) posando para a foto na rua de sua residência em 1965

“Na cachoeirinha só tinha eucaliptos, (...) lá não tinha luz e não tinha água encanada. A água era puxada por uma bomba que levava até onde eu morava, eles (moradores) distribuíram uma torneira para cada casa. Então, quando a gente precisava de água, pegávamos um balde e enchíamos. Com o tempo isso acabou, porque construíram um poço no quintal. A luz foi outra história, em 1957, os caras da pedreira puxaram a luz, então, cada morador de lá pagou mil cruzeiros para construir poste de madeira e puxar luz para as casas”, relata o morador para o **Contraponto**.

Durante a entrevista, Manoel contou sobre a chegada de novos moradores; “O asfalto só veio em 1970, era tudo terra. (...) As pessoas começaram a vir mais quando asfaltaram a rua e alguns poucos ônibus começaram a circular”. Ele enfatiza que ainda não há uma boa mobilidade, recursos como carro de aplicativo ainda não chegam na região e a qualidade do ensino e saúde são precárias.

O acesso à arte e à cultura também eram limitados muito distantes dos moradores do Parque Tietê. Na época, o que mais se assemelhava com entretenimento



dessas pessoas eram os bailes realizados pelos próprios moradores.

Com o passar dos anos, a disparidade entre a expansão populacional e a infraestrutura ganhou destaque. Hoje, mesmo que afastado do centro da cidade, o distrito sofre de problemas semelhantes aos da grande metrópole. As condições insalubres de moradia e o mal planejamento das ruas intensificam a falta de lazer e qualidade de vida dos moradores.

A Invisibilidade Sociocultural

A cultura contra-hegemônica se aplica às práticas, valores e expressões que desafiam as regras dominantes da sociedade. Essa forma de lazer representa as vozes de pessoas que, muitas vezes, são marginalizadas e silenciadas pela capital.

Nesse contexto, diversas formas de arte, como teatro, capoeira, dança de rua e *rap* são uma forma autêntica de se expressar e permitir que esses jovens compartilhem suas vivências. Essas ações culturais são um espelho da realidade que a sociedade emergiu. O contato com a arte expõe a identidade e a resistência do povo, com a clareza dos desafios e das lutas periféricas.

O silêncio do governo marginalizou essas vozes “afastadas”; isso se concretiza na falta de investimentos. Os estereótipos negativos vinculados à comunidade, como a criminalidade, causam uma visão limitada e preconceituosa sobre a vida nas periferias. As produções culturais locais são vistas como menos relevantes e problemáticas. A desconexão entre os grupos privilegiados e as comunidades impede que os problemas vividos pelos grupos de baixa renda sejam compreendidos, abordados e resolvidos.

A produção cultural é uma forma de expressão que permite às comunidades periféricas compartilhar suas histórias de maneira autêntica. Frequentemente, essas comunidades são sub-representadas na mídia, resultando em uma falta de empatia por suas vivências.

Ao dar visibilidade a essas vozes, essa arte aborda questões relevantes que costumam ser ignoradas, com esse investimento, promove-se a inclusão social e o combate à discriminação, desafiando estereótipos e construindo pontes entre diferentes grupos. Para minorias étnicas, serve como ferramenta de preservação e celebração de suas heranças em um mundo globalizado que ameaça a diversidade cultural.

Em meio à efervescente cultura periférica da Zona Norte de São Paulo, a Fábrica de Cultura da Brasilândia se destaca como um espaço para a expressão artística e o desenvolvimento de novos talentos. Com um enfoque em democratizar o acesso à arte e à cultura, a instituição tem mudado a trajetória de muitos jovens, como Reis, de 18 anos, que encontrou na música uma maneira de transformar sua vida.



© Zanone Fraissat/Folhapress

Moradias precárias nas comunidades Nova União e Capadócia, na Vila Brasilândia em 2021

Ele conta que reside a poucos passos da Fábrica de Cultura e compartilhou sua experiência para o Contraponto: “Desde que a Fábrica começou, já sabia o que acontecia, tinha alguns amigos que faziam cursos lá, mas nunca tinha ido atrás. Quando entrei na adolescência, conheci um amigo mais velho e fui até lá. Estávamos atrás de algo relacionado à música e escolhemos fazer o Ateliê de DJ e de percussão”.

O programa Fábrica de Cultura é realizado pela Secretaria de Cultura, Economia e Indústria do Estado de São Paulo, com a gestão do Instituto Poesis. Ele foi criado com o objetivo de viabilizar espaços culturais e promover atividades e ateliês que desenvolvam manifestações culturais gratuitamente para os moradores das regiões da Brasilândia, Capão Redondo, Diadema, Iguape, Jaçanã, Jardim São Luís, Osasco e Vila Nova Cachoeirinha.

Antes de ingressar na Fábrica, Reis não imaginava que poderia trabalhar com música. A arte era apenas um *hobby*, até que o curso despertou seu potencial e fez com que seu sonho começasse a surgir. Para ele, a Fábrica de Cultura vai além de um local de aprendizado, representa uma salvação. Sem o projeto, ele pondera sobre a incerteza de sua situação atual.

O impacto das iniciativas da Fábrica não se limita a uma experiência. Gustavo Arantes, professor de DJ e Teatro na Fábrica de Cultura, enfatiza a importância do acesso à arte para jovens da periferia. “Não é sobre formar artistas, mas sim que

os jovens tenham contato com a arte e mobilizem suas vidas. A cultura é importante para que eles enxerguem novas possibilidades”, explicou.

Atualmente, o acesso à cultura é significativamente distinto nos centros e nas comunidades. A valorização e o alcance ainda são barreiras para os jovens desenvolverem seus próprios caminhos. Com projetos que exal-

tam a expressão artística local e promovem a inclusão cultural, a Fábrica de Cultura da Brasilândia é um exemplo de iniciativas comunitárias que visam diminuir a diferença de oportunidades entre as classes sociais.

Reis ainda compartilhou o que dificulta o acesso a projetos como esse: “O que colabora para que as pessoas não conheçam instituições como a fábrica é causada principalmente pela falta de divulgação devida. Eu simplesmente não sabia o que era, o que tinha, como funcionava, mesmo morando próximo. E isso é culpa da falta de divulgação. As oportunidades estão ali. A gente já passou por muito déficit de oportunidades dentro da favela, às vezes a oportunidade tá ali, mas ninguém te informa e ninguém te ensina a se informar, ninguém instiga a sua curiosidade e pensamento porque não põem holofote nisso, ninguém ‘bota fé’ em nós”.

Investir nessas manifestações artísticas é uma forma de preservar a cultura desses indivíduos e promover seu protagonismo social, oferecendo voz e espaço a quem historicamente tem sido marginalizado. O jovem das periferias enxerga na arte uma oportunidade de se fazer ouvir, de narrar sua própria história e de conectar sua realidade a uma expressão que permita a ele e a outros se reconhecerem.

A cultura influencia na realidade de diversas crianças e jovens, tanto para representar suas identidades e valores quanto para manter as crianças integradas na

sociedade. A arte tem o dever social de incluir o jovem a uma atividade de pertencimento, que permite criar uma liberdade de expressão fora de seu convívio social.



© Arquivo Fábrica de Cultura

Comemoração do aniversário de 10 anos da Fábrica de Cultura da Brasilândia

O etnocentrismo protagoniza a cultura ocidental no Oscar

Oficialmente chamado de Prêmios da Academia, a premiação é organizada pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas e conhecida por condecorar os melhores do audiovisual mundial



Fernanda Torres, possível indicada ao Oscar de Melhor Atriz pelo filme *Ainda Estou Aqui* e Fernanda Montenegro, indicada ao Oscar de Melhor Atriz em 1999 por *Central do Brasil*

Por Beatriz Yamamoto, Giovana Laurelli e Oliver Santiago

A premiação do Oscar é historicamente marcada pela preferência por filmes ocidentais. Mesmo com o crescimento da indústria cinematográfica em países da América Latina e da Ásia, é raro ver esses filmes disputando o prêmio principal, são sempre confinados a categorias específicas e excludentes. A principal contradição, entretanto, se dá pela lista de indicados e vencedores ao longo de sua história. A separação entre as categorias de “Melhor Filme” e “Melhor Filme Internacional” (antes nomeado “Melhor Filme Estrangeiro”), evidencia uma visão etnocentrista. Uma análise realizada pelo **Contraponto**, com base nos dados da premiação, revela que desde sua origem, em 1957, da lista de premiados das 79 edições na categoria internacional, 79% dos filmes são europeus e apenas 21% são de outros continentes.

Para a jornalista, crítica e pesquisadora de cinema, Paula Jacob, a ótica etnocêntrica do Oscar está presente desde a própria criação da premiação. “O Oscar sempre foi uma premiação da indústria de Hollywood para a própria indústria de Hollywood. Nunca teve a intenção de ser algo internacional, acabou acontecendo pelo tamanho que a estrutura inteira virou. Os filmes de língua não-inglesa que conseguem furar a bolha das categorias ainda possuem alguma coprodução com os EUA, mas ainda é muito recente para ter um banco de análise mais aprofundado.”

Esse etnocentrismo se reflete de forma clara nas premiações internacionais: filmes produzidos fora do eixo América

do Norte-Europa, independentemente de sua qualidade, são escanteados à categoria de “Melhor Filme Internacional”, enquanto produções norte-americanas ou europeias seguem com mais chances de concorrer a categoria de “Melhor Filme”.

Outros festivais, como o Festival de Cannes ou o Festival de Berlim, têm feito um esforço maior para abraçar a diversidade cultural, premiando com maior frequência filmes de países e regiões consideradas de “Terceiro Mundo”. Embora esses eventos também estejam imersos em uma cultura eurocêntrica, a abertura para filmes de diferentes partes do mundo é mais visível.

Para a crítica da Abraccine, a própria língua das produções cinematográficas exila filmes do Oscar. “Os estadunidenses não têm o hábito de ver filmes com legenda.”, completa Jacob. “Como o inglês se ‘popularizou’ ao redor do mundo como uma língua não oficial, mas ensinada desde cedo em diversas escolas, eles se acomodaram com esse poder de chegar em qualquer lugar, mas não receber tanto o que vem de fora. Eles sabem muito de si, e muito pouco do resto do mundo.”

Em 1999, o Brasil acompanhou com grande expectativa a indicação de Fernanda Montenegro ao Oscar de “Melhor Atriz” por sua atuação no filme “Central do Brasil”. A nomeação da artista foi histórica, sendo a primeira vez que uma atriz latino-americana e lusófona competiu nesta categoria. Quando o prêmio foi entregue a Gwyneth Paltrow por *Shakespeare in Love*, houve uma onda de indignação tanto entre o público

brasileiro quanto entre críticos de cinema ao redor do mundo. Jacob afirmou a atuação da brasileira ser superior a de Paltrow.

No Brasil, a derrota foi recebida como um símbolo da dificuldade do reconhecimento que produções e atores latino-americanos enfrentam no cenário internacional. O país acusou a Academia de priorizar a sua própria indústria mesmo diante de atuações excepcionais, como a de Montenegro.

Em 2020, o Oscar surpreendeu ao premiar “Parasita”, de Bong Joon-ho, como “Melhor Filme” e foi a primeira vez que uma obra não falada em inglês venceu essa categoria. A cinematografia sul-coreana venceu em outras categorias importantes, como “Melhor Diretor” e “Melhor Filme Internacional”, o que gerou discussões sobre o papel do etnocentrismo no Oscar e o tornou um emblema da mudança em reconhecer os longas-metragens fora do eixo ocidental.

A atriz Lily Gladstone, de “Assassinos da Lua das Flores”, de Martin Scorsese, entrou para a história como a primeira nativo-americana a ser indicada na categoria “Melhor Atriz”, em 2024. Ainda em sete anos, a atriz Fernanda Torres, de “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, possui fortes indícios de concorrer e ganhar como “Melhor Atriz” em 2025.

Em declaração para a imprensa durante a 48ª Mostra Internacional de São Paulo, Torres reforçou como a Academia enxerga as obras brasileiras: “Até hoje quando falam sobre o prêmio da mamãe (Fernanda Montenegro), digo que se o brasileiro é nomeado, falando em português em um filme, isso já é uma vitória! Ele pode estourar o champagne e ficar contente. Porque ele não vai levar!”

Mesmo com tantas melhorias no cenário da premiação, ainda é importante que vozes historicamente excluídas – especialmente aquelas que não falam em inglês – ganhem mais espaço no Oscar. “A premiação sempre dá um passo para frente, dois para trás. Claro que é incrível ver bolhas sendo estouradas, e precisamos, sim, celebrar essas conquistas.”, afirma Jacob.

“Uma única vez não deve simbolizar o todo, não deve ser o suficiente para encontrarmos mudanças reais. Não pode existir só EUA-Europa no Oscar, precisamos de espaço para outras vozes, outras histórias, outras referências culturais”, afirma a crítica. A especialista reforça que essa descentralização só ocorrerá a partir do incentivo estatal às produções cinematográficas.

Festival CultCom mostra a importância de popularizar o acesso à cultura

Para além de um evento, o movimento abre espaço para discussões fundamentais dentro da periferia

Por Laura Petroucic, Thainara Sabrine e Victória da Silva

Nos dias 4 e 5 de outubro, a Pauta Periférica, a Produtora Popular de Conteúdo e o Conhecimento do Capão Redondo, realizou o Festival de Cultura e Comunicação Periférica, mais conhecido como “Festival CultCom”, no Sesc Campo Limpo. O evento trouxe uma programação diversificada que consistiu em atrações musicais, exposições, mesas de debates e uma feira de economia criativa.

Programação

No primeiro dia, a reunião foi marcada por um bate-papo sobre mulheres na poesia, contando com a presença de Edite Marques, Helo Ribeiro e Maria Vilani. No dia seguinte, os comunicadores Alexandre de Maio, da “Catraca Livre”, Gisele Alexandre, do “Manda Notícias”, Isabela Alves, da “Agência Mural” e Ítalo Rufino, da “Emerge Mag” participaram de uma conversa sobre jornalismo cultural.

Além desta discussão, a Feira de Economia Criativa também foi realizada no dia 5 – nela, haviam livros, roupas, acessórios e vários outros produtos. O público também curtiu diversos shows, como o de Luana Bayô com Izzy Gordon, Beco, com o rapper Xis, e o do grupo Z’África Brasil, que convidou artistas para encerrar a convenção; entre eles, Cris SNJ, Dona Kelly, Kelly Neriah, Lauren Priscila e Thaíde.

Devido à falta de energia por conta das fortes chuvas que abalaram a cidade de São Paulo em meados do mês de outubro, o Sesc Campo Limpo foi fechado no fim de semana do dia 13, que seria o último dia do festival. A região foi uma das mais afetadas pelo apagão, por isso, a organização divulgou um comunicado no Instagram com o seu posicionamento acerca do acontecimento. “A empresa de energia elétrica não colaborou com nosso evento, mas já estamos providenciando uma nova data para o encerramento do festival de 2024”, explicou. A nova data do CultCom é dia 17 de novembro às 16h.

Motivação e essência

A cultura e comunicação, quando juntas, podem vir a desenvolver uma função que para além do entretenimento e, ainda, quando acrescentada às questões territoriais e políticas, são capazes de se tornar ferramentas poderosas de resistência. No caso do Festival CultCom, os holofotes estão apontados para a criação de espaços de diálogos que potencializam as narrativas periféricas e fortalecem a identidade do território.

Nos últimos anos, o jornalismo independente tem crescido de forma significativa. Uma pesquisa realizada pela Agência UVA, em agosto de 2021, demonstrou que, de 2010 a 2020, o número destes veículos mais que dobrou – não apenas devido ao avanço da era digital e, portanto, ao acesso às mídias, mas também pela necessidade de criar uma narrativa própria que fugisse do padrão dos veículos tradicionais.

Em entrevista para o **Contraponto**, Beatriz Monteiro, jornalista e repórter do “Manda Notícias”, traz, para este contexto, o termo “deserto de notícias”. Ela afirma que a expressão traduz uma situação na qual as regiões – ou comunidades – têm acesso limitado para os meios de comunicação. Em suas palavras: “A mídia tradicional não consegue suprir as necessidades de uma comunidade, foi por isso que o *Manda Notícias* começou, para suprir uma necessidade específica. Falar sobre registros de memórias, pesquisas e estudos, falar sobre nós.”

“Na minha época, o único jornalismo sobre o meu bairro eram notícias violentas sobre crimes e mortes de um jeito bem sensacionalista”, diz Roberta Thomé, professora universitária que cresceu em Diadema nos anos 80. “Nunca falavam da parte boa, das coisas positivas da comunidade, por isso acho importante eventos como esse”, relatou.

Artistas do território e fomento a cultura local

A programação do CultCom é cuidadosamente elaborada para valorizar artistas, empreendedores e profissionais locais, e promove um movimento político que prioriza o consumo da economia regional.

Jadiel Pereira, grafiteiro e produtor cultural independente, presenciou as apresentações e considera que a existência desses espaços é importante para o

© Projeto Click na Favela



Feira de Economia Criativa no Festival Cultcom, na imagem Ana Santos empreendedora na Papoula's Jóias & Bijus

fortalecimento de laços entre as pessoas do território. “É importante ter uma rede de contato, valorizar o trabalho de artistas independentes e se sentir valorizado também. Faz muita diferença poder ter essa vivência.”, ressalta Pereira.

Desafios para promover o evento:

Em relação ao sustento e ao impacto de ações como essa nas comunidades, Beatriz Monteiro fala sobre os meios que a organização necessita para fazer com que o projeto funcione. Não só a Pauta Periférica, mas outras produtoras populares enfrentam, comumente, contratempos relacionados à falta de investimento nas iniciativas que promovem.

Para a jornalista, a visibilidade do seu trabalho e de outros colegas é um sonho bonito de se realizar, mas exige bastante custo. “Não adianta só a gente ver o impacto positivo do projeto se o poder público, as políticas públicas, os patrocinadores não enxergarem esse impacto que a gente causa”, ressalta.

São eventos como o Festival CultCom que mostram a importância de popularizar o acesso à cultura e à comunicação nas periferias, e abre portas para artistas e comunicadores locais. A influência positiva dessas celebrações transformam a realidade das pessoas, em especial, as marginalizadas.

“A gente está sempre inovando em relação ao conteúdo e criatividade, para chegar cada vez mais na raiz da comunidade. Nós pensamos em como chegar nas crianças, mães, adultos, pessoas pretas e paralelamente ainda temos a questão da sustentabilidade financeira. Então é o tempo inteiro enfrentando questões que, com certeza, o jornalismo tradicional não tem que passar”, destaca a criadora do veículo *Manda Notícias*.



© Projeto Click na Favela

Show do grupo Beco feat Xis no Festival CultCom no dia 5 de Outubro

“Joker: Folie à Deux” é um contraponto ousado no cinema de heróis

O longa desafia as expectativas com uma mistura ousada de musical e drama, mas o ritmo arrastado frustra os telespectadores



© WB Pictures

Cena da sequência de Joker com os personagens Coringa e Harley Quinn no Asilo Arkham

Por Bruna Zanella Caramelo Damin

Joker: Folie à Deux é, sem dúvida, uma produção ousada, mas ousadia nem sempre garante sucesso. O filme, que mistura musical e drama psicológico, dividiu fortemente as opiniões – e com razão. Para muitos, o grande ponto de crítica é a Harley Quinn de Lady Gaga. A química entre ela e Joaquin Phoenix praticamente não existe. A versão de Harley que escolheram apresentar – uma personagem quase caricata, “filhinha de papai, rebelde” – não convence, e a decisão de fazer com que ela rejeite o Coringa no final vai contra a essência da personagem clássica. Tudo isso deixou uma sensação de frustração, como se o filme não entregasse o que os fãs esperavam.

E o musical? Bem, ele está lá, mas não é exatamente o que o público queria. Em vez de trazer dinamismo, acaba por tornar o filme monótono, quase parado. O cenário do Asilo Arkham, que domina boa parte da narrativa, reforça essa sensação de confinamento, não só para os personagens, como também para quem está assistindo. O primeiro filme trouxe uma construção bem mais envolvente e dinâmica, agradando mais um público acostumado aos filmes do universo de super-heróis norte-americanos.

Esses pontos negativos são compartilhados por muitos. Não é difícil encontrar críticas que mencionam a falta de química, a escolha questionável de Gaga como Harley e o enredo arrastado. E isso é importante: como pessoa que está fazendo

uma crítica de filme aqui, não posso me afastar das experiências do público-alvo. Se uma grande parcela dos espectadores se sente frustrada, isso precisa ser levado em consideração.

Mas aqui vem a pulga atrás da orelha: Joker: Folie à Deux pode ter sido um fracasso para alguns, mas será que a intenção do diretor Todd Phillips era realmente entregar algo “divertido”? Ao optar por um musical para retratar o caos mental, com números surgindo em momentos inesperados, Phillips pode ter buscado passar a frustração do personagem para o espectador, explorando sentimentos diferentes dos que um típico filme de ação tentaria evocar. A falta de “química” entre os protagonistas, assim como a escolha de transformar Arkham em um palco quase exclusivo da narrativa, podem ter sido decisões propositalmente desajustadas para refletir o estado de confusão e alienação dos personagens.

Para quem esperava uma continuação na linha do primeiro, a sequência certamente decepciona. O ritmo é mais lento, os momentos de tensão são diluídos pelos

números musicais, e Harley Quinn, em vez de trazer um novo fôlego à história, parece ofuscada. Mas será que a intenção do filme não foi justamente romper com as expectativas?

De qualquer forma, Joker: Folie à Deux deixa o espectador com um gosto amargo. Não é um filme fácil de gostar, e muitos vão sair do cinema achando que faltou algo, ou talvez que sobrou ousadia em lugares onde não era necessária. No entanto, ao olhar além da frustração inicial, há algo a ser dito sobre a tentativa do filme de se distanciar das fórmulas tradicionais do gênero de heróis.

Em um cenário onde as narrativas são muitas vezes previsíveis, talvez a maior provocação de Folie à Deux seja nos fazer questionar se queremos sempre o mesmo. Ainda que o filme tenha se perdido na execução, levanta a questão: estamos prontos para aceitar algo diferente, mesmo quando nos desagrada?

No final das contas, Folie à Deux pode não ser o filme que queríamos, mas talvez seja o filme que precisávamos para repensar o que esperamos de uma sequência.

“Todos Nós Desconhecidos” retrata a solidão nua e crua na tela de cinema

Filme trata sobre a solidão LGBTQIA+ no mundo heteronormativo e o luto de conflitos indefinidos com entes queridos que partiram cedo demais

Por Manuela Schenk Scussiato

O filme “Todos Nós Desconhecidos” (2023) é obra do diretor Andrew Haigh e conta a história de Adam (Andrew Scott), um escritor próximo da meia idade, e Harry (Paul Mescal), um jovem misterioso. Os dois se conhecem por serem os únicos moradores de um prédio recém-construído, em Londres.

Logo no início, é revelado um importante fato sobre a história de Adam. Os pais, interpretados por Jamie Bell e Claire Foy, faleceram em um acidente de carro quando o garoto tinha apenas doze anos. Nos dias atuais, em seus quarenta e poucos anos, Adam ainda tem ressentimentos quanto à morte precoce dos pais.

O encontro de Adam com o jovem vizinho e o entrelaço romântico dos dois traz à tona dores escondidas no interior do escritor. A homofobia vivida durante a infância em uma cidade pequena, sem o amparo dos pais, fez com que reprimisse todos esses sentimentos, liberados conforme ele deixa Harry entrar mais em sua vida íntima.

A história muda de perspectiva quando, em meio a um bloqueio criativo, Adam decide visitar sua casa de infância e encontra os pais vivos dentro dela, porém ainda com a aparência de trinta anos atrás, quando faleceram. O longa, promovido inicialmente apenas como um filme sobre um casal LGBTQIA+, revela então o seu verdadeiro propósito: a jornada de luto de Adam.

Luto

A verdade é que não é explicado porquê Adam vê os pais. O fato do personagem ser escritor faz com que muitos acreditem que ele utilize de sua criatividade para imaginar os pais tendo, assim, a capacidade de resolver conflitos que eles deixaram em aberto ao falecerem. Outra possibilidade é que Adam sofre alucinações com a imagem dos pais, e isso é reforçado na cena em que ele tenta apresentá-los a Harry.

Conforme o escritor passa a ter experiências com os falecidos pais, como sair do armário para a mãe ou confrontar o pai pela ausência emocional durante a infância, Adam se sente mais preparado para deixar a imagem dos pais de lado. Na cena em que Adam e seus pais se despedem, fica claro que ele realizou o desejo de viver essas experiências e está pronto para deixar a figura deles.



© Searchlight Pictures

Adam e seus pais na cena em que o personagem de Andrew Scott se sente pronto para se despedir-se deles

Solidão

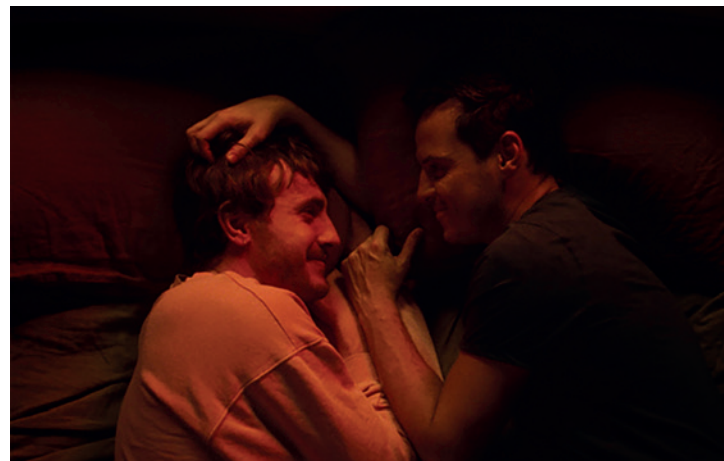
Harry, o vizinho e interesse amoroso de Adam, é o único contato humano do protagonista durante o filme, além dos “fantasmas” dos pais. Os dois se encontram pela primeira vez após um alarme falso de incêndio no prédio. Ambos pensavam serem os únicos moradores de lá antes do ocorrido. Na noite do mesmo dia, Harry procura Adam, bêbado em um momento de solidão. Os dois conversam por pouco tempo, até que Harry volta para o apartamento após falhar na busca por amparo. No dia seguinte, porém, eles voltam a se encontrar no elevador.

A conexão dos dois cresce em razão da relação familiar parecida que possuem. Harry tem uma fala significativa sobre o assunto, no início de sua narrativa: “Sempre me senti diferente de minha família. Sair do armário apenas confirmou isso”. Novamente, o filme reforça a solidão LGBTQIA+, carregada pelos personagens, em um mundo heteronormativo.

Com o vínculo formado, além de um casal, os dois se tornam ombro amigo um do outro, dividindo experiências e amenizando o exílio que ambos carregam. Com o laço dos dois já estabelecido, Adam decide apresentar Harry para os pais.

No caminho até a casa de infância do personagem. Harry, alarmado com a situação, tenta fazer com que o namorado desista da ideia, mas isso não acontece. Quando os dois chegam à casa, encontram ela trancada, com as luzes apagadas e os

Paul Mescal (Harry) e Andrew Scott (Adam) na cena final do longa, onde Adam se despede do “fantasma” de Harry



© Searchlight Pictures

Toda matéria precisa de um título

E uma linha fina que contextualize a pauta sem repetir as palavras-chave

Por João Curi e Nicole Domingos

O LIDE É FUNDAMENTAL. O que importa aqui é onde você encaixa a informação para, mesmo quando o leitor estiver com pressa, não faltar a polpa da notícia para quem quiser se informar de algo novo sem muito esforço. É um resumo, mastigado, que sustenta o título e a linha fina, como uma ata da reunião de todos os dados colhidos e apurados durante a produção.

“O lide é uma demanda de informação que nasceu da falta de tempo”, afirma Marlyvan Alencar, mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e professora do curso de Jornalismo na mesma instituição. “Foi a solução para um tempo que não tinha espaço para mensagens longas, então você sintetiza ali na primeira parágrafo a informação fundamental”.

Daqui pra frente já fica mais livre, sujeitando-se ao critério do repórter organizar a hierarquia que vai compor o texto. Tudo bem que não é tão livre assim porque é bom seguir algumas regras para não perder o leitor, seja no ritmo ou no quebra-quebra de palavras. Ser livre é bom para escrever, mas pode não ser tão funcional para ler. Livre por livre, não tem quem se livre de ser livre sem derrapar. Repetir a palavra, por exemplo, pode comprometer o sentido e embolar o raciocínio.

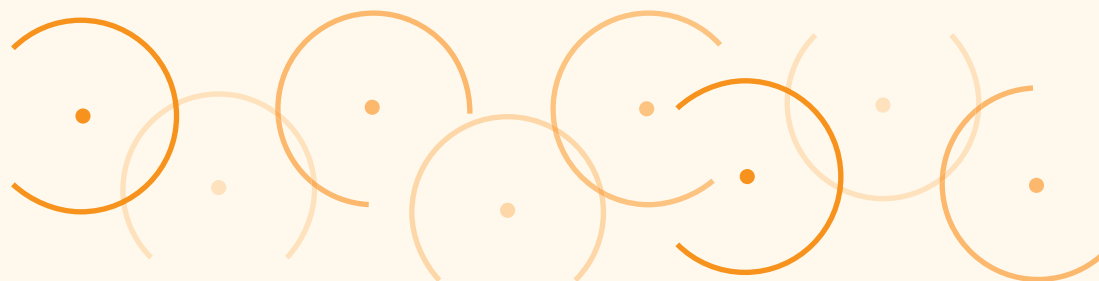
Da mesma forma que a rima aqui já não é tão bem-vinda quanto seria numa poesia, pois causaria uma cacofonia que arruinaria o tom da matéria. “Tão pior quanto, seria reproduzir a fala de alguém sem dar crédito algum, nem contexto”, só pelo gosto de abrir as asas.

Conectar um parágrafo ao outro também é uma técnica para fisgar o leitor. Traz fluidez, uniformidade, resgata um contexto que permanece aceso ao longo das linhas. Pensando nisso, os conectivos e as conjunções são aliadas desse processo e podem,

tal qual uma agulha, costurar um trecho no outro naturalmente. Embora, se usadas em excesso, isto é, para além do que caberia ao entendimento do parágrafo, comprometeria-o, por conseguinte, a um rumo desgovernado e, não obstante, repleto de freios.

Resumindo, a forma e a construção sintática são componentes valiosos à matéria. É comum ajustar esses detalhes em uma segunda leitura, durante a revisão. Corrigir o texto já enquanto escreve pode mais te complicar do que adiantar as etapas. Aliás, esta é uma boa dica: não se apresse. É melhor escrever o que se tem certeza do que rabiscar dados quaisquer para não perder o prazo. Se você está lendo isso, a chance de ainda ser estudante é alta; deste modo, não se cobre ao nível de um redator profissional que publica uma matéria completa em vinte minutos de bate-teclado e mouse frenético. A prática vem com o tempo e, por sorte, somos tão jovens que temos todo o tempo do mundo (verso emprestado de Renato Russo, do Legião Urbana, para aninhar a ansiedade).

Mesmo assim, algumas questões já passaram da validade. Marlyvan reforça que os estudantes demoram para aprender que no jornalismo existe o texto objetivo e com dados, distante do que as carteiras de sala de aula lá do Ensino Médio programam no código-fonte da mente redatora. “Vem um texto com um monte de frases de efeito, senso



comum, sem nenhum tipo de dado novo, e vira uma redação de escola, às vezes bem escrita, mas sem conteúdo jornalístico”, relata.

Para a comunicadora, é fundamental saber por que as pessoas leem jornal. A partir disso, fica fácil entender que não adianta escrever um texto longo, com parágrafos imensos, por melhor escritos que sejam, se não apresentarem a fonte, dados novos e informações relevantes que despertem alguma descoberta no leitor. Ninguém gosta de perder tempo.

A boa notícia é que tem fórmula para isso. Basicamente, tudo que é feito nos dias de hoje precisa de uma receita ou um roteiro pré-definido, seja um bolo ou um filme, mas principalmente uma matéria jornalística. Para todo início de carreira nessa área é entregue um pergaminho de regras para ser um jornalista perfeito. Não caia nessa, já que a perfeição está ali no meio do impossível e a receita está em uma linha tênue entre uma matéria e um car-taz de desaparecido.

Ser um jornalista é se ver em contrariedade. Assim como na escola ensinavam a escrever uma redação, na faculdade esse tipo de texto pode não ser tão ideal. Essa lista de conceitos que acendem ao longo dos semestres, à sombra de uma dica ou outra para aumentar as chances de arranjar um emprego, são as mesmas que têm data de validade. Ou você acreditou mesmo que usaria a fórmula de

Bhaskara depois da prova? E o modelo de redação não fica muito distante. Texto dissertativo-argumentativo tem espaço no Jornalismo, mas não é a principal ferramenta da área. O teclado da redação batuca num outro ritmo, ainda que lembre o desespero frenético da caneta dos vestibulandos.

A pressão vivida nesse tempo, externa e interna, carrega um peso maior para uma caminhada que ainda está começando. Quando a realidade for outra, lá nos dez, quinze anos de labuta, vai ser difícil lembrar das pedrinhas que incomodavam lá no início da trilha.

Na verdade, a depender da experiência de estágio, a “mão de jornalista” já caleja durante a graduação. “O meu choque foi ter mais liberdade do que eu tinha nos meus veículos laboratoriais [da PUC-SP]”, relata Aline Freitas, estagiária da redação do G1 e estudante do último semestre de Jornalismo da PUC-SP.

A fórmula pode ser prática, ao gosto do freguês. Pesquisa, ouve a fonte, mais pesquisa, (tem certeza?) checa, bate teclado, tecla, tecla, tecla, respira um pouco, relê, não. Não, ali não ficou bom. Podia trocar os parêntesis por hífen. Mas assim o texto quebraria muito. Deixa então. Onde eu estava? Ah, tecla, tecla, tecla, mais um pouco, cinco linhas tá bom, fecha parágrafo, ajeita a vírgula, ali pode virar dois períodos pra aliviar um pouco. Pronto. Será que esse final está bom? Não precisa ter cara de fim, mas queria uma frase impactante na voz de alguém.

Quando a formação está prestes a ganhar canudo, já é possível reclamar algumas certezas. Um bom lide é um bom resumo, a hipocrisia faz parte do cotidiano ainda em desbravagem, e uma regra que só o tempo ensina é que um bom texto não é feito apenas de dados e pesquisa. “O jornalista precisa ouvir alguém para conseguir escrever uma matéria”, destaca Aline.

Bons, Belos e Justos

Por Artur dos Santos

QUEM DERA SER BOM, BELO E JUSTO; inocente, achei que não cabia escolher mais que um, me demorei e acabaram escolhendo por mim. Quis ser Belo e Bom, olharam e olharam e me aconselharam o Justo (os outros dois não iam vingar). Jornalista que é belo e bom? Falha editorial.

No fundo, aqueles que são bons, belos e justos vencem sempre. Descobri depois as incontáveis be-nesses de ser os três! Me arrependo profundamente. Como que do feio o belo é culpado? É justamente belo! Como que do mau, o bom é culpado? Como que do injusto o culpado é o justo? É justamente bom e justo!

Os bons, belos e justos não têm consequências. Oras, foram eles que sabidamente escolheram ser esse trio, e, logicamente, o que lhes fuge ao controle é culpa do universo ou intriga da oposição – que soprou, soprou e soprou. São perseguidos, os bons, belos e justos, eles só querem mais iguais a eles para o mundo.

Uma coisa leva a outra. Conversando com o Cícero, churrasqueiro de gato profissional, perguntei por que ele não abre um bar com o cunhado. *Ele não controla a sede.* Não dá para fechar negócio com quem dá prejuízo. Foi no mesmo dia que descobriu que a lanchonete da esquina foi roubada pela quinta vez. *Não registrou boletim?* Nesse angu tem mosquito.

Quem escolheu ser três vezes herói, tem de lidar com algumas consequências. A inconveniência, o espelho e a consciência atormentam o bom, o belo e o justo. É só ignorar cada um por vez, mantendo a postura, a aparência... dizer elegância é forçar a barra – o pato também anda, nada e voa. Se quem é só belo já sofre com o feio, imagina os que também são bons e justos. Só pedra sobre pedra sobre pedra.

O jornalista que é bom, belo e justo não sabe se é herói, ator ou ombudsman do próprio jornal. Que confusão. O cunhado do Cícero que bebe o próprio freezer não sabe se é dono ou cliente pagando fiado. O problema é ser Belo quando é pra ser ombudsman, Bom quando editor – ou fiador quando o fiado-é-só-amanhã, você entende.

Já trabalhei em redação com esse tipo de confusão. O termo moderno é *multitasking*. O editor fingia marqueteiro, a fotógrafa, produtora e eu, desempregado. Na TV era uma catástrofe: repórter com o microfone numa mão e a gravadora na outra, jornalista de rua prendendo e julgando supostos ladrões de supermercado. Na rádio nem se fala. O técnico mexe no microfone enquanto o radialista fala em cima da mesa de som e o pessoal do arquivo enrola os cabos. Quando fecharam a conta, tava todo mundo na rua. É a economia. Inflação. *Mau olhado.* A perigo, a redação tava na lama.

O fim da questão é que jornalista não recebe o suficiente para ser bom, belo e justo e não, não precisa reivindicar esse aumento com o sindicato. A culpa do bote afundar não cai no pescador se esse decidiu também ser peixe – mas de qualquer forma se molha.

De gente bela, a praia tá cheia. De gente boa, o Itaquerão e de mistura, tá bom o espetinho misto do Cícero.

Em memória de Rafael Franscisco Luz de Assis

No dia 27 de junho de 1990, nasceu uma pessoa com fortes opiniões. Com seu boné, um humor só dele e muitas metas que eram sonhos para um futuro distante, para os espectadores de sua vida não tinha nada que ele não conseguiria conquistar. Com 34 anos, sendo o estudante mais velho da turma, ele conseguia se destacar com sua juventude eterna e sua vontade de sempre querer saber mais.

Com muita dor no coração, nos despedimos de sua inteligência, do seu esforço e da sua incrível capacidade de debater sobre qualquer assunto. Nos despedimos de Rafael. No dia 26 de outubro de 2024, tivemos que dizer tchau para tudo isso, mas nunca ao seu legado e sua história.

Mesmo que agora a dor fale mais alto, não deixaremos que a presença dele suma. Nesta edição, temos a honra de eternizar seu último texto em colaboração com o Contraponto. Nesta vida, tivemos a honra de acompanhar a dele.

Obrigado por ser exatamente quem você foi, sem mais nem menos.

Equipe do Contraponto e colaboradores



